APA DA BACIA DO RIO SÃO JOÃO

GUIA DE PLANTAS

ESTUÁRIO DO RIO SÃO JOÃO

VORÁ
INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA
BACIA DO RIO SÃO JOÃO
MICO-LEÃO-DOURADO
ICMBio-MMA

ICMBio
INSTITUTO CHICO MENDES
MMA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guia de plantas [livro eletrônico] : APA da Bacia do Rio São João : estuário do Rio São João / Bárbara de Pinho Agapito ... [et al.] ; [ilustrações Yohanny Melo Gomes ; projeto gráfico Wilson Venâncio Cesário Rocha]. -- Casimiro de Abreu, RJ : Instituto Vorá, 2026.
PDF

Outros autores: Ana Clara de Lemos Pinto Duque, Diego Rodrigues Barbosa, Joel França da Cruz, Lédia França da Cruz, Marília Nóbrega Alves da Costa Fonseca, Rodrigo Lemes Martins
ISBN 978-65-979347-2-0

1. Biodiversidade 2. Meio ambiente - Conservação - Proteção 3. Plantas 4. Plantas (Botânica) 5. Plantas - Catálogos I. Agapito, Bárbara de Pinho. II. Duque, Ana Clara de Lemos Pinto. III. Barbosa, Diego Rodrigues. IV. Cruz, Joel França da. V. Cruz, Lédia França da. VI. Fonseca, Marília Nóbrega Alves da Costa. VII. Martins, Rodrigo Lemes. VIII. Gomes, Yohanny Melo. IX. Rocha, Wilson Venâncio Cesário

26-374329.3 CDD-581.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Plantas : Botânica 581.4

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

APA DA BACIA DO RIO SÃO JOÃO

GUIA DE PLANTAS

ESTUÁRIO DO RIO SÃO JOÃO

apoio a UCs
Conservação & Uso Sustentável

MPF Ministério Público Federal

IBAMA MMA

anp Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis

PRIO

FUNDO BRASILEIRO PARA A BIODIVERSIDADE FUNBIO

A realização do Projeto Apoio a UCs é uma medida compensatória estabelecida pelo Termo de Ajustamento de Conduta de responsabilidade da empresa PRIO, conduzido pelo Ministério Público Federal – MPF/RJ.



Equipe

Autores

Bárbara de Pinho Agapito [1 | 2]

Ana Clara de Lemos Pinto Duque [2]

Diego Rodrigues Barbosa [2]

Joel França da Cruz [3]

Lédia França da Cruz [3]

Marília Nóbrega Alves da Costa Fonseca [4]

Rodrigo Lemes Martins [2]

1 - Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Conservação (PPG-CiAC)

2 - Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade (NUPEM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

3 - Parabotânico (a) e pescador (a) artesanal

4 -Instituto Vorá, Brasil & Centro de Ecologia Funcional – Science for People & the Planet (CFE), Extensão CFE-UC na Universidade Aberta; Laboratório Associado TERRA, Portugal.

Revisão

Marcio Antonio von Kriiger

Ilustrações

Yohanny Melo Gomes

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Wilson Venâncio Cesário Rocha

Sumário

Apresentação 13
Quais são os objetivos deste Guia? 14
Para quem é este Guia? 15
O que encontrar nesse Guia? 16
Como esse Guia foi produzido? 24
Por onde andamos? 26
Como usar esse Guia? 34

Sumário
Nome Científico

Anacardiaceae
Schinus terebinthifolia Raddi 38

Annonaceae
Annona acutiflora Mart. 40

Apocynaceae
Aspidosperma sp. 42

Arecaceae
Bactris setosa Mart. 44
Desmoncus sp. 46
Euterpe edulis Mart. 48

Sumário • Nome Científico

Bignoniaceae
Tabebuia cassinoides (Lam.) DC. 50

Bromeliaceae
Aechmea patentissima (Mart. ex Schult. & Schult.f.) Baker 52

Calophyllaceae
Calophyllum brasiliense Cambess. 54

Celastraceae
Monteverdia sp. 56

Combretaceae
Laguncularia racemosa (L.) C.F.Gaertn. 58

Cordiaceae
Cordia aberrans I.M.Johnst 60

Cyperaceae
Scleria latifolia Sw. 62

Euphorbiaceae
Joannesia princeps Vell. 64
Sapium glandulosum (L.) Morong 66
Sebastiania brasiliensis Spreng. 68

Fabaceae
Andira legalis (Vell.) Toledo 70
Dalbergia ecastaphyllum (L.) Taub. 72
Inga laurina (Sw.) Willd. 74
Inga edulis Mart. 76
Libidibia ferrea (Mart. ex Tul.) L.P.Queiroz 78
Parapiptadenia pterosperma (Benth.) Brenan 80
Pterocarpus rohrii Vahl 82

Sumário • Nome Científico

Lauraceae
Nectandra membranacea (Sw.) Griseb. 84

Malpighiaceae
Heteropterys coleoptera A.Juss. 86

Malvaceae
Pseudobombax grandiflorum (Cav.) A.Robyns 88
Taliparitipernambucense (Arruda) Bovini 90

Meliaceae
Trichilia sp. 92

Moraceae
Maclura tinctoria (L.) D.Don ex Steud 94
Sorocea sp. 96
Sorocea hilarii Gaudich. 98

Myrtaceae
Eugenia brasiliensis Lam. 100
Myrciaria sp. 102
Plinia peruviana (Poir.) Govaerts 104

Ochnaceae
Ouratea cuspidata (A.St.-Hil.) Engl. 106

Polygonaceae
Coccoloba alnifolia Casar. 108

Pteridaceae
Acrostichum danaeifolium Langsd. & Fisch. 110

Rhizophoraceae
Rhizophora mangle L. 112

Sumário • Nome Científico

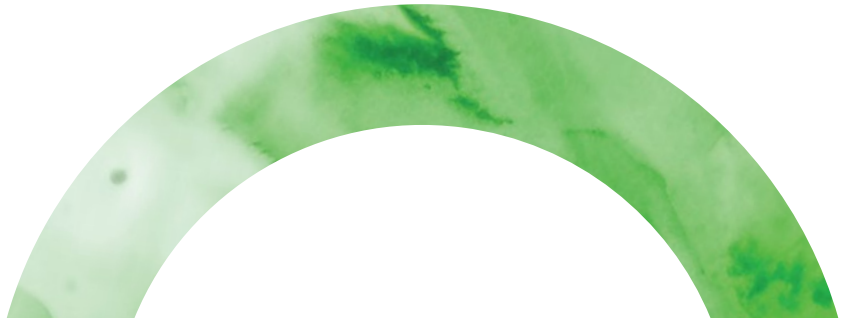
Rubiaceae
Genipa americana L. 114
Psychotria carthagenensis Jacq. 116

FONTES DE CONSULTA 118

GLOSSÁRIO ILUSTRADO
Caule 122
Flor 123
Folha 124
Fruto 129
Inflorescência 132
Raiz 135
Semente 136

Sumário
Nome Popular

Araribá 70
Araticum 40
Aroeira 38
Avencão 110
Baba de velho 60
Bromélia 52
Cabeludinha 102
Cafezinho 116
Casca doce 82
Cedarana 92
Espinheira santa 96
Folha-dourada-da-praia 86
Fuzil preto 84
Grumixama 100
Guanandi 54
Guanandi vermelho 56
Gurmamé 98
Imbira 90
Indauaçu 64
Ingá-mirim 74



Sumário • Nome Popular

Ingá-pau 76
Jabuticaba 104
Jenipapo 114
Jequitá 46
Mangue-branco 58
Mangue-vermelho 112
Monjolo tento 80
Paina 88
Palmito-Juçara 48
Pau-ferro 78
Pequiá de cerne/Pequiá 42
Quebra-foice 68
Quebradeira 108
Sarrapieira 72
Tabebuia 50
Tatagiba 94
Tiririca de pássaro 62
Uva do brejo 44
Vassoura de feiticeira 106
Visgo branco 66



Apresentação

Antes de ser nome, classificação ou registro, uma planta é encontro.

É sombra no caminho, alimento partilhado, matéria que sustenta o fazer cotidiano. É também memória guardada no olhar de quem vive o território e reconhece, em cada espécie, mais do que uma forma: uma relação.

Esse encontro se constrói em um território vivo, onde biodiversidade e modos de vida tradicionais se entrelaçam e se sustentam mutuamente.

Foi desse encontro entre ciência e saber tradicional que nasceu este Guia.

Elaborado na Área de Proteção Ambiental (APA) da Bacia do Rio São João/Mico-Leão-Dourado, ele reúne espécies que fazem parte da vida e da paisagem da região, reconhecidas tanto por suas características ecológicas quanto por sua presença no cotidiano das comunidades locais. São plantas que acompanham, há gerações, os modos de existir e de cuidar construídos na relação com a natureza.

Reconhecer essas relações é fundamental para pensar a conservação.

Este trabalho reflete um esforço coletivo de produção de conhecimento comprometido com a conservação da biodiversidade e com a valorização dos saberes locais.

Mais do que apresentar espécies, este Guia convida a um outro modo de olhar: um olhar que reconhece a floresta como um sistema vivo de relações, onde plantas, animais e pessoas estão profundamente conectados. As espécies aqui reunidas foram selecionadas não apenas por sua ocorrência ecológica, mas também por sua relevância no cotidiano local, especialmente no contexto da pesca e da catação do guaiamum.

Este Guia se posiciona como uma ferramenta de diálogo, um instrumento que contribui para aproximar diferentes formas de conhecimento, apoiar a gestão do território e reafirmar o papel das populações tradicionais como protagonistas na conservação dos ecossistemas.

Quais são os objetivos deste Guia?

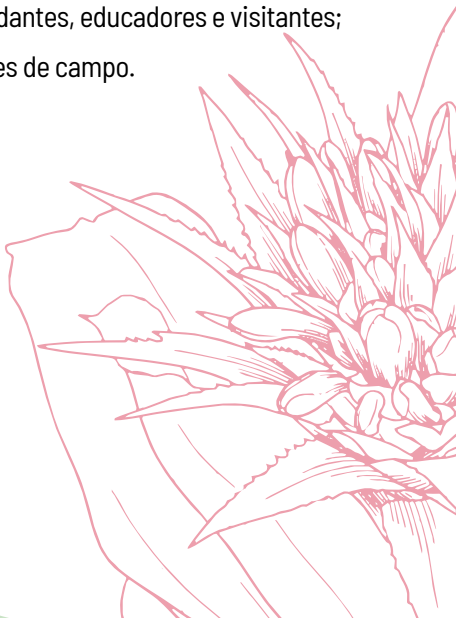
Este Guia apresenta 40 plantas da APA da Bacia do Rio São João/Mico-Leão-Dourado, selecionadas a partir do conhecimento tradicional de pescadores artesanais, sujeitos diretamente ligados à conservação e ao uso sustentável desse território.

As espécies reunidas aqui são relevantes tanto para o cotidiano das comunidades locais quanto para a manutenção da biodiversidade, estando associadas à cultura da pesca artesanal e à catação do guaiamum.

Mais do que um catálogo, este Guia é uma ferramenta para apoiar a conservação da natureza.

Com ele, buscamos:

- contribuir para o manejo da unidade de conservação, reunindo informações ecológicas e sobre o potencial de restauração das espécies;
- evidenciar a relação entre as plantas e o guaiamum, espécie ameaçada;
- registrar e valorizar os usos tradicionais das plantas;
- estimular o interesse pela flora local entre estudantes, educadores e visitantes;
- apoiar a identificação de espécies em atividades de campo.



Para quem é este Guia?

Este Guia foi pensado para um público diverso: moradores, visitantes, gestores e pesquisadores. Por isso ele oferece informações com diferentes níveis de aprofundamento.

Não é necessário conhecimento prévio: basta ter interesse em conhecer plantas encontradas na APA da Bacia do Rio São João/Mico-Leão-Dourado para ampliar o conhecimento sobre a flora local e ter neste Guia um companheiro útil em caminhadas pela região.



O que encontrar neste Guia?

O Guia de Plantas da APA da Bacia do Rio São João/Mico-Leão-Dourado apresenta as seguintes informações:

Planta
Plantus cientificus

Nome da Espécie | Cada planta é apresentada por seu nome científico, acompanhado dos nomes populares (regional e local) e da família botânica.



Status de Conservação | O estado de conservação das plantas deste Guia estão classificadas de acordo com o Centro Nacional de Conservação da Flora – CNCFlora, lista oficial do governo brasileiro.

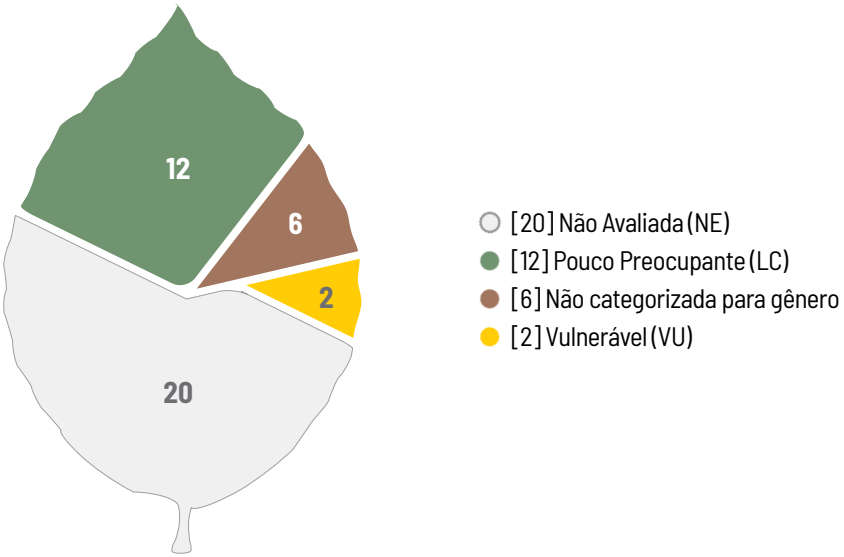
RISCO DE EXTINÇÃO

+		
EX	Extinta	**EX**TINCT
EW	Extinta na Natureza	**E**XTINCT IN THE **W**ILD
CR	Criticamente Ameaçada	**CR**ITICALLY ENDANGERED
EN	Em Perigo	**EN**DANGERED
VU	Vulnerável	**VU**LNERABLE
NT	Quase Ameaçada	**N**EAR **T**HREATENED
LC	Pouco Preocupante	**L**EAST **C**ONCERN
DD	Decifiente de Dados	**D**ATA **D**EFICIENT
NE	Não Avaliada	**N**OT **E**VALUATED
–		

O que encontrar neste Guia?

A quantidade de plantas ainda não avaliadas (20) encontradas na área de estudo evidencia o grande potencial para aprimoramento do conhecimento acerca dessas espécies em pesquisas futuras.

Já as espécies categorizadas como Pouco Preocupantes (12), nível mais baixo de risco de extinção, são aquelas que foram avaliadas com rigor e que não apresentam risco imediato de extinção. Portanto, encontram-se estáveis e suas grandes populações estão amplamente distribuídas geograficamente.



Dentre as 40 espécies desse Guia, há de se destacar que duas estão classificadas como Vulneráveis: o Palmito-Juçara (*Euterpe edulis* Mart.) e a Tabebuia (*Tabebuia cassinoides* (Lam.) DC.).

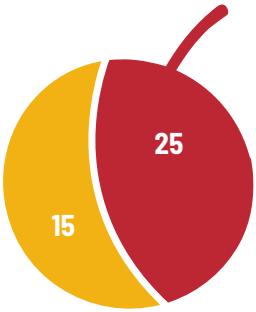
Uma espécie Vulnerável é aquela que apresenta alto risco de extinção em um futuro próximo, devido a fatores como o declínio populacional e a distribuição geográfica restrita (pequena ou fragmentada).

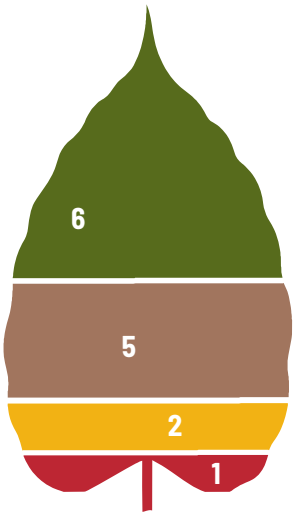
O que encontrar neste Guia?

Origem (nativa/endêmica)

Todas as espécies de plantas deste Guia são Nativas, porém somente 15 são exclusivamente Brasileiras, sendo consideradas Endêmicas.

- [25] Nativas
- [15] Nativas e endêmicas





Dentre as plantas endêmicas, a maioria são árvores (6) ou arbustos que podem atingir porte arbóreo (5), seguido de arbusto (2) e palmeira (1).

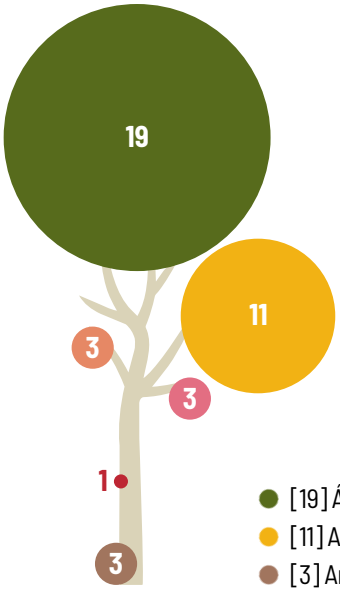
Essa diversidade revela a importância da flora local não apenas em número de espécies, mas também no potencial de oferta de estruturas, alimentos e reserva de nutrientes, que acabam por garantir a sustentabilidade de um ambiente florestal.

- [6] Arbusto ou árvore
- [5] Árvore
- [2] Arbusto
- [1] Palmeira

O que encontrar neste Guia?

Hábito de vida | O hábito de vida indica a forma de crescimento das plantas:

- **Árvores:** possuem tronco lenhoso e podem atingir grande altura;
- **Arbustos:** apresentam múltiplos caules e menor porte;
- **Ervas:** têm estrutura mais delicada e geralmente menor tamanho;
- **Palmeiras:** possuem caule único e folhas grandes no topo;
- **Trepadeiras:** crescem apoiadas em outras plantas;
- **Arbustos ou árvores:** são espécies que podem apresentar tanto porte arbustivo quanto arbóreo, dependendo das condições do ambiente, como tipo de solo e nível de sombreamento.



A maioria das plantas deste Guia são árvores (19), mas há arbustos que atingem porte arbóreo (11), somente arbustos (3), ervas (3), palmeiras (3) e trepadeiras que, eventualmente, formam arbustos (1).

Essa variedade de formas de vida contribui para a formação de diferentes estratos, que atuam como se fossem diferentes andares da floresta, cada um deles associada a diversas espécies animais e mais especializadas formas de vida.

- [19] Árvores
- [11] Arbustos ou árvores
- [3] Arbustos
- [3] Palmeiras
- [3] Erva
- [1] Trepadeira ou Arbusto

O que encontrar neste Guia?

Descrição | Este tópico apresenta uma breve descrição das plantas, ampliando o conhecimento sobre cada espécie e contribuindo na identificação em campo. Encontram-se informações sobre a altura da planta e as características do caule, das folhas, flores ou inflorescências, frutos e sementes.

Uso local | As plantas possuem múltiplos usos no cotidiano das comunidades locais, como alimentação, construção, artesanato e confecção de utensílios. Os usos descritos foram relatados por pescadores artesanais.

Observação: este Guia não aborda o uso medicinal das espécies.

Potencial para restauração | Indica o papel da espécie em processos de recuperação ambiental, auxiliando ações de restauração ecológica.

Curiosidade | Para a maioria das plantas presentes neste Guia, foram destacadas informações adicionais que ampliam o conhecimento sobre as espécies, como a origem do nome, usos em outras regiões ou características pouco conhecidas.

O que encontrar neste Guia?



Interface com o guaiamum | O guaiamum (*Cardisoma guanhumi*) é um caranguejo reconhecido como espécie Vulnerável pela Portaria GM/MMA nº 1.667, de 27 de abril de 2026. Ou seja, apresenta alto risco de extinção na natureza, especialmente se os fatores que ameaçam essa espécie continuarem.

Considerando a necessidade do manejo do guaiamum e a sua importância para a sustentabilidade do ambiente, as plantas apresentadas neste Guia estão, em diferentes níveis, relacionadas ao seu habitat e à manutenção das condições necessárias para sua sobrevivência.

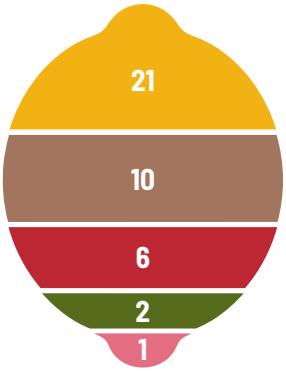
Há quatro principais relações identificadas entre as plantas e o guaiamum:

- **Alimentação:** é quando o guaiamum se alimenta da planta, seja de suas raízes, sementes, caules, frutos ou folhas.
- **Abrigo:** é quando há a preferência em fazer as tocas próximas à planta
- **Camuflagem:** a planta contribui para disfarçar a presença do guaiamum, dificultando que ele seja percebido por eventuais predadores.
- **Batumar:** é quando o guaiamum utiliza a planta, junto com a lama, para "fechar" a toca durante o período em que ele está lá dentro, trocando o seu exoesqueleto para crescer (ecdise).

O que encontrar neste Guia?

Floração e Frutificação | Os períodos de floração e frutificação são apresentados em um calendário anual, facilitando a observação das espécies ao longo do ano.

Dispersão | Dispersão é a estratégia utilizada pela planta para transportar as suas sementes. Essa atividade é fundamental para a reprodução da espécie, para a manutenção da biodiversidade e para a regeneração das florestas.



- **Anemocórica:** pelo vento
- **Autocórica:** por mecanismos próprios e sem depender de elementos externos como a água, o vento ou animais (por exemplo, pela gravidade - barocórica)
- **Hidrocórica:** pela água
- **Zoocórica:** por animais

- [21] Zoocórica
- [10] Duas ou mais formas de dispersão
- [6] Anemocórica
- [2] Hidrocórica
- [1] Autocórica

A maioria das espécies deste Guia apresenta dispersão zoocórica (21).

Isso evidencia a relação intrínseca entre plantas e animais, e a sua importância para a sustentabilidade do ecossistema.



Como esse Guia foi produzido?

A produção deste Guia foi orientada pelo diálogo entre ciência e conhecimento tradicional, premissa estabelecida pela gestão da Unidade de Conservação.

O levantamento de informações sobre as plantas da APA se deu por meio de incursões à área (trabalho de campo) e entrevistas com pescadores artesanais.

O trabalho de campo foi realizado nas três áreas previamente descritas ao longo do gradiente ambiental do Rio São João, contemplando formações florestais conservadas, áreas em processo de recuperação e setores mais diretamente influenciados pelo uso comunitário.

Para caracterizar a composição florística das áreas, foi empregado o método de intercepto de linha para a amostragem da vegetação. Em cada área foi selecionado um fragmento representativo, no qual uma trena de 50 m foi estendida ao longo do interior da formação vegetal. Foram registradas todas as espécies que interceptaram a linha da trena, considerando uma faixa amostral de 1 m para cada lado.

Foram incluídas na amostragem todas as espécies arbóreas, arbustivas, herbáceas, trepadeiras e palmeiras com altura superior a 50 cm.

Ao todo, foram registradas 82 espécies vegetais nas áreas amostradas. Entretanto, as espécies incluídas no presente guia foram selecionadas com base em três critérios principais:

(1) ocorrência recorrente nas áreas analisadas;

(2) importância reconhecida pela comunidade local, especialmente no contexto da catação do guaiamum;

(3) relevância ecológica para a estrutura e manutenção da floresta.

Como esse Guia foi produzido?

A identificação botânica foi realizada por meio de observação morfológica em campo e consulta à literatura especializada sobre a flora da Mata Atlântica. Foi realizada consulta na página da Flora e Funga do Brasil e utilizadas chaves de identificação de famílias, gêneros e espécies, além de listas florísticas regionais. O acesso ao sistema online JABOT contribuiu para consultar exsicatas do material coletado na APA da Bacia do Rio São João/Mico-Leão-Dourado e adjacências. Foi adotado o sistema de classificação APG IV (APG, 2016) para organização taxonômica das famílias botânicas. O material testemunho coletado encontra-se depositado no Herbário Tatiana Ungaretti Paleo Konno, sediado no NUPEM/UFRJ (Macaé/RJ).

Para a realização das entrevistas semiestruturadas, foram identificados dois pescadores artesanais da comunidade tradicional do Chavão, que possuem um amplo conhecimento das plantas da região. Uma matriz sobre as plantas, adaptação de ferramenta participativa utilizada no método de Diagnóstico Rápido Participativo – DRP, foi elaborada com cada um.

Um desses pescadores acompanhou a equipe de botânicos em todos os campos, proporcionando o diálogo entre a ciência e o conhecimento tradicional. Dessa forma, tanto os botânicos quanto o pescador vivenciaram uma verdadeira troca de informações e ampliação dos seus conhecimentos.



Por onde andamos?

Para a produção deste Guia, todas as diferentes paisagens florestais do estuário do Rio São João/Mico-Leão-Dourado foram consideradas. As áreas de estudo incluem:

1 **Ambientes Florestais Conservados**, rodeados por áreas alteradas de pastagens e onde ainda ocorre a catação histórica do guaiamum;



Fonte: adaptado do Google Earth

2 Planícies Alagadas Recuperadas, identificadas como antigas pastagens revitalizadas pelos habitantes locais, utilizando espécies de interesse da comunidade, e;

3 Corredores de Florestas nas Margens de Manguezais. Essas áreas foram selecionadas por apresentarem uma estrutura florestal significativa, com relevante cobertura arbórea, o que indica alta biodiversidade em diferentes estratos da floresta. A comunidade tradicional de catadores de guaiamum mencionada ao longo do texto refere-se à localidade chamada Chavão, Cabo Frio (RJ).



Por onde andamos?

ÁREA 1 A primeira área de levantamento situa-se no trecho mais distante de uma comunidade tradicional de catadores, com acesso exclusivamente fluvial. O local insere-se na faixa marginal ao curso d'água, em zona de transição entre o manguezal e a floresta de terra firme, representando o setor mais interiorizado e estruturalmente mais conservado do gradiente analisado.

A faixa mais próxima ao rio é caracterizada por solo lodoso, sob influência do sistema estuarino. Em áreas levemente mais elevadas do terreno, estabelece-se uma



Fonte: adaptado do Google Earth

formação florestal bem conservada, com dossel fechado e árvores de grande porte. A estrutura vertical é bem definida, apresentando sub bosque desenvolvido e alta ocorrência de epífitas. O solo apresenta camada expressiva de serapilheira, e a reduzida intervenção antrópica observada na área favorece a manutenção da estrutura florestal e da diversidade de espécies.

Foram registradas tocas de guaiamum no interior da floresta, assim como nas demais áreas de estudo. Os relatos de catadores locais identificam essa área como abrigo dos maiores exemplares e associam essa vantagem ao melhor estado de conservação da vegetação, assim como maior acúmulo de serapilheira e menor intensidade de perturbação antrópica.

Essa área representa um núcleo de conservação dentro do território estudado, destacando a importância da integridade da vegetação para a sustentação da biodiversidade e das práticas tradicionais associadas ao uso do ambiente.

ÁREA 2 Em continuidade espacial, a segunda área localiza-se no mesmo trecho do rio, porém em posição intermediária, mais próxima de uma comunidade tradicional de catadores. Assim como a área 1, integra a vegetação marginal ao curso fluvial e insere-se no mesmo domínio fitofisionômico, distinguindo-se principalmente por sua estrutura menos consolidada e maior grau de perturbação.

Essa área funciona como uma zona de transição estrutural entre o núcleo mais conservado e os setores de maior influência antrópica.



Fonte: adaptado do Google Earth

O sítio caracteriza-se por uma faixa relativamente estreita de vegetação arbórea situada entre a porção fluvial e uma extensa área ocupada por vegetação predominantemente herbácea. Observa-se uma descontinuidade estrutural entre esses dois compartimentos, evidenciada pela transição abrupta entre a formação arbórea e a cobertura herbácea adjacente.

A formação arbórea apresenta porte predominantemente médio, com ocorrência pontual de indivíduos de maior tamanho. O dossel é descontínuo, permitindo a incidência moderada de luz no interior da área. A densidade e o porte da vegetação aumentam gradualmente em direção à área 1, onde a estrutura florestal se torna mais consolidada.

Comparativamente às demais áreas, nota-se maior intensidade de interferência antrópica, associada principalmente à circulação de pessoas para a catação de guaiamum e a registros de uso do fogo na vegetação herbácea adjacente, conforme

Por onde andamos?

A2

relatos locais. Esses fatores parecem contribuir para a manutenção de uma estrutura florestal menos densa.

A camada de serapilheira é menos expressiva quando comparada à área 1. Foram registrados indivíduos de espécies típicas de ambientes estuarinos e de manguezal, integrando a composição florística local.

ÁREA 3

Por fim, a terceira área de levantamento situa-se no trecho mais próximo à comunidade, com acesso terrestre, não sendo necessário deslocamento por embarcação. Trata-se de um setor anteriormente alterado, que passou por processo de revita- lização conduzido pelos moradores locais, com o plantio de espécies arbóreas de interesse comunitário. Essa área representa o segmento mais diretamente influenciado pela ocupação humana dentro do gradiente espacial estudado.



A3

A formação vegetal do local apresenta estrutura mais aberta quando comparada à área conservada. O dossel é descontínuo, composto por árvores de médio e grande porte, permitindo maior incidência de luz no interior da área. O sub-bosque é menos desenvolvido, refletindo tanto o histórico de uso quanto o processo mais recente de recomposição da vegetação.

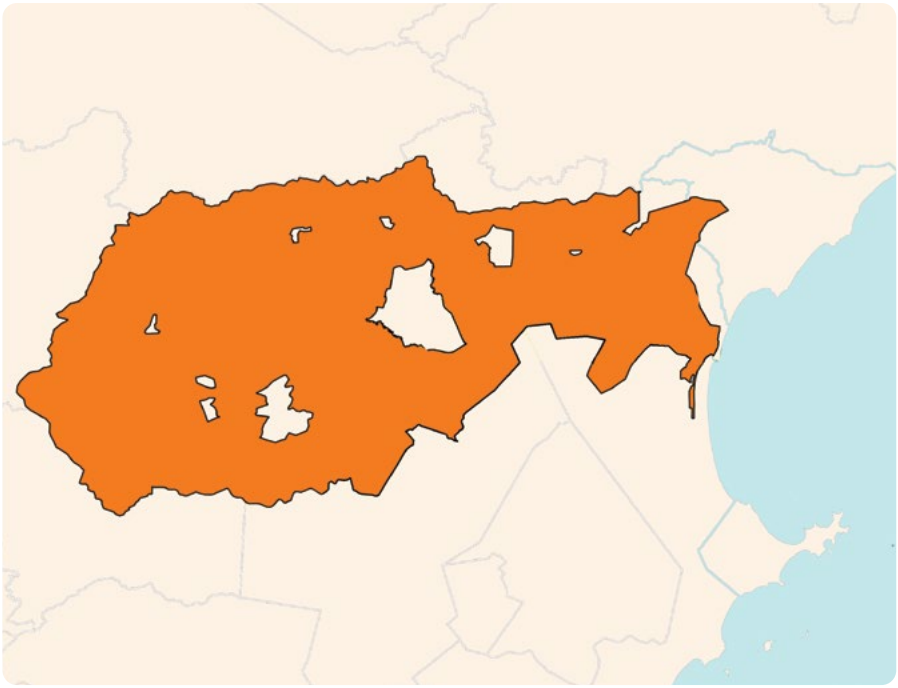
Observa-se elevada presença de espécies frutíferas, que desempenham papel relevante tanto para a comunidade quanto para a fauna local. Essa composição evidencia uma paisagem em processo de consolidação estrutural, marcada pela interação entre manejo comunitário e regeneração natural.

Por onde andamos?

Este guia foi elaborado no Estuário do Rio São João, no território da Área de Proteção Ambiental da Bacia do Rio São João / Mico-leão-dourado, município de Cabo Frio.



Por onde andamos?



Área de Proteção Ambiental da Bacia do Rio São João/Mico-Leão-Dourado

Municípios do Rio de Janeiro

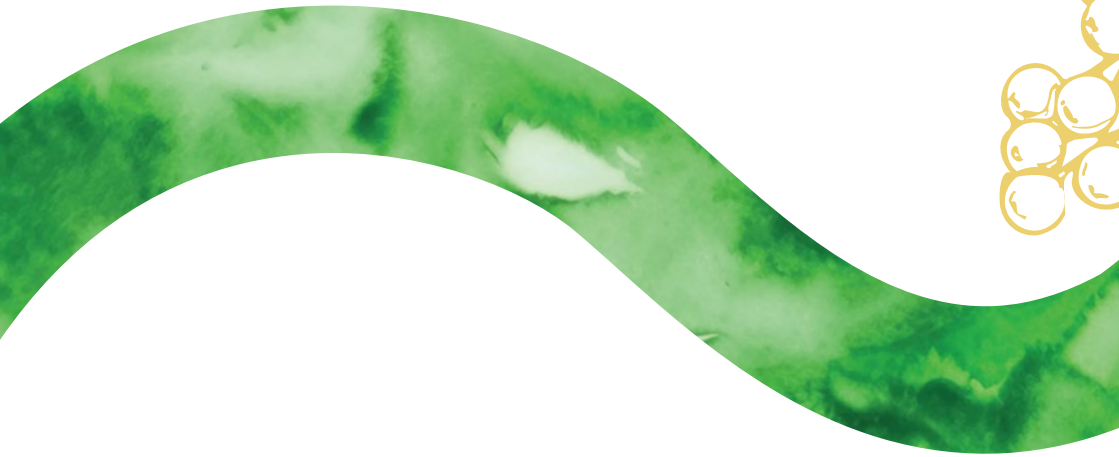
Como usar esse Guia

O conteúdo está organizado de duas formas: por nomes científicos (agrupados por famílias) e por nomes populares, ambos em ordem alfabética.

Em algumas fotos há um indicativo de tamanho daquele elemento, visando facilitar a identificação em campo.

A bibliografia está organizada em fontes consultadas, com as principais bases de dados utilizadas para as descrições desse Guia; referências gerais, contendo as fontes utilizadas para mais de uma planta; e referências específicas, contendo publicações sobre algumas plantas, com o objetivo de complementar as informações.

O Guia também conta com um glossário ilustrado, que facilita a compreensão dos termos técnicos utilizados nas descrições.





ESPECIES

ESPE





ESPÉCIES

Aroeira

Nome popular regional: Aroeira, Aroeira-da-praia, Aroeira-de-remédio, Aroeira-Mansa, Aroeira-vermelha

Nome científico: *Schinus terebinthifolia* Raddi

Família: Anacardiaceae

Status de Conservação:

NE — Não Avaliada

Inglês: **N**ot **E**valuated

Origem: Nativa

Hábito de vida: Arbusto ou árvore







Inflorescência: de 4 a 10 cm

Descrição: **Altura:** 5 a 10 m. **Caule** reto a tortuoso, com casca áspera, fissurada e de textura interna fibrosa. **Folhas** compostas, imparipinadas, alternas, com 9 a 11 folíolos elíptico-lanceolados, de margem inteira ou levemente serrilhada, glabros a pouco pubescentes e aromáticos quando macerados. **Inflorescência** em panículas axilares ou terminais, medindo 4 a 10 cm. **Flores** pequenas, esbranquiçadas a branco-esverdeadas, unissexuais, dispostas em indivíduos dióicos. **Fruto** pequeno, globoso, do tipo drupa, vermelho-vivo a purpúreo quando maduro, contendo uma única **semente**.

Uso local: A aroeira é apreciada como condimento culinário, mas também é utilizada como lenha, mourões para cerca e na construção. Pode ser usada na produção de cosméticos.

Potencial de restauração: Espécie indicada para restauração ecológica, especialmente em áreas abertas ou degradadas, devido ao rápido crescimento e à alta adaptabilidade ambiental. Tolera solos pobres, arenosos ou compactados, bem como condições de maior insolação. Atua nas fases iniciais da sucessão, contribuindo para a cobertura do solo e o sombreamento; seus frutos atraem a fauna, favorecendo a melhoria das condições microambientais.

Curiosidades: A resina produzida pela Aroeira é aromática e pode ser usada em pigmentos e em redes de pesca, pois aumenta a sua resistência e durabilidade. O óleo essencial possui propriedades inseticidas, podendo ser aplicado como repelente e inseticida natural. A Aroeira pode causar alergia (dermatite de contato), pois possui uma substância altamente irritante.

Relação com guaiamum: Alimentação (folhas) | Abrigo (tocas nas proximidades).

Dispersão: Zoocórica (aves)

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■	■	■	■	■	■						

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■	■										

Araticum

Nome popular regional: Araticum guiné, guiné, guiné-caboclo, pau de guiné, raiz de guiné
Nome científico: *Annona acutiflora* Mart.
Família: Annonaceae

Origem:
Nativa e endêmica

Hábito de vida:
Arbusto ou árvore

Status de Conservação:
LC Pouco Preocupante
Inglês: **L**east **C**oncern







Descrição: Altura: 1,5 – 4 m, com gemas e brácteas recobertas por tricomas ferrugíneos. **Caule:** Ramos marrons. **Folhas:** Possuem pecíolos, com lâminas cartáceas, estreitamente elípticas, glabras, com base aguda, ápice acuminado, margem inteira, nervura central impressa na face adaxial e proeminente na abaxial. **Flores:** solitárias, extra-axilares, com botão falciforme, sépalas livres e pétalas desiguais, as internas conatas na base formando tubo curto, estames curtos e carpelos seríceos na base. **Frutos:** obovóides, verdes a glauco-esverdeados quando maduros.

Uso local: Localmente, o Araticum é mais utilizado na produção de cabo de ferramenta. A sua madeira também é útil na confecção de arco e flecha, e berimbau (instrumento musical).

Potencial de restauração: Considerada uma espécie secundária tardia na sucessão ecológica, participa com pouco protagonismo de processos de recuperação de ambientes degradados, ocupando o estrato de subbosque de formações florestais nos últimos estágios sucessionais.

Curiosidades: Essa espécie apresenta usos variados. O tronco é utilizado para fabricação de cabos de ferramentas. O fruto é comestível e apreciado pelo sabor azedo, parecido com pinha. O chá de suas folhas é utilizado em contextos religiosos na forma de banho de "descarrego", contra mau-olhado e/ou feitiçaria.

Relação com guaiamum: Alimentação (fruto) | Batumar

Dispersão: Zoocórica (provavelmente)

Floração: J F M A M J J A S O N D

Frutificação: J F M A M J J A S O N D

Pequiá de cerne/Pequiá

Nome popular regional: Guatambú ou Pau-Pereira
Nome científico: *Aspidosperma* sp.
Família: Apocynaceae

Origem:
Nativa

Hábito de vida:
Árvore

Status de Conservação:

Não categorizado para gênero









Descrição: **Altura** variável conforme a espécie. **Caule** cilíndrico, com casca pouco espessada e ramos suberosos. **Folhas** simples, alternas e verticiladas, com diferentes padrões de nervação e margens às vezes revolutas. **Inflorescências** axilares ou terminais terminal, do tipo cimeira ou panícula. **Flores** cálice e corola bem definidos. **Fruto** cápsula lenhosa alongada, com cristas longitudinais evidentes e estipe perceptível, abrindo-se na maturidade e liberando numerosas **sementes** aladas.

Uso local: Madeira pesada, de alta resistência mecânica e elevada durabilidade natural, é utilizada como vigas para estruturas de casas, assim como cabos de ferramentas.

Potencial de restauração: Gênero de interesse para restauração florestal, indicada para áreas de solo médio a pobre e com regime hídrico variável, em estágios iniciais a intermediários de regeneração. O crescimento relativamente rápido, a tolerância à variação de luminosidade e a capacidade de se estabelecer em clareiras tornam a espécie adequada para a recomposição florestal.

Curiosidades: A distribuição deste gênero é neotropical. As espécies encontradas na área possuem valor madeireiro e grande durabilidade, sendo historicamente exploradas. Exsuda látex branco quando ferida.

Relação com guaiamum: Alimentação (folhas)| Batumar

Dispersão: Anemocórica

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	**A**	**S**	**O**	N	D

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	**S**	**O**	**N**	D

*

* Foram utilizados dados do Paraná.

Uva do brejo

Nome popular regional: Tucum, coquinho preto
Nome científico: *Bactris setosa* Mart.
Família: Arecaceae

Origem:
Nativa e endêmica

Hábito de vida:
Palmeira

Status de Conservação:

NE Não Avaliada

Inglês:
Not **E**valuated



Fruto: 3,5 cm





Descrição: Altura: até 6 m. **Caule** cespitoso, estipes finos (0,8–6 m), cilíndricos, densamente armados com espinhos de 2–8 cm, claros com base escura. **Folhas** pinadas, 4–8 por estipe; bainha, pecíolo e raque espinhosos; 19–60 pinas por lado, dispostas em mais de um plano. **Inflorescência**: interfoliar, ramificada, com ráquilas numerosas e bráctea espinhenta. **Inflorescência** interfoliar e pendente, envolta por bráctea lenhosa armada de espinhos. **Flores** masculinas e femininas na mesma planta inflorescência, amarelo-creme. **Fruto** globoso, roxo-escuro a preto, 1–2,5 cm, com polpa suculenta e uma semente.

Uso local: Essa espécie é apreciada como alimento.

Potencial de restauração: Espécie presente em florestas secundárias e áreas em regeneração, indicando boa adaptação a ambientes com histórico de perturbação. Pode integrar projetos de restauração florestal em estágios intermediários de sucessão, contribuindo para a recomposição estrutural da vegetação e para a manutenção da dinâmica ecológica em áreas com dossel em formação.

Curiosidades: "Setosa" presente em seu nome, qualifica uma característica específica da planta e significa "com muitas setas". O nome indígena Tucum ou Ticum significa "agulha para costura", em função do seu uso para costuras.

Relação com guaiamum: Alimentação (fruto)

Dispersão: Zoocórica

Floração:

J	F	M	A	**M**	**J**	**J**	**A**	S	O	N	D

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	**S**	**O**	**N**	**D**

Jequitá

Nome popular regional: Cerca-onça
Nome científico: *Desmoncus* sp.
Família: Arecaceae

Origem:
Nativa

Hábito de vida:
Palmeira

Status de Conservação:

Não categorizado para gênero









Descrição: Altura: variável, podendo atingir cerca de 5 a 15 m quando apoiada na vegetação. **Caules** delgados a robustos, escandentes, geralmente formando touceiras. **Folhas** pinadas, fortemente armadas com espinhos na bainha, pecíolo, ráquis e cirro; folíolos variáveis em número, tamanho e disposição. **Inflorescências** interfoliares, também armadas, com flores dispostas em tríades. **Frutos** pequenos, globosos a elipsoides, de coloração vermelha a amarela quando maduros. **Semente** única por fruto, elipsoide, com endosperma ruminado.

Uso local: Sem afirmativa de uso local.

Potencial de restauração: Não há informações diretas sobre o potencial de restauração de espécies de *Desmoncus*. De modo geral, por serem lianas escandentes, tendem a se estabelecer em áreas com dossel já estruturado e podem aumentar em abundância em ambientes levemente perturbados. Contribuem para a complexidade arquitetural da floresta, mas não são espécies pioneiras e seu uso em projetos de restauração é incomum.

Curiosidades: O gênero não é endêmico do Brasil, mas várias espécies ocorrem no país, sobretudo na Amazônia e em formações florestais úmidas. Está documentado que, em regiões da América Central e América do Sul, duas espécies desse gênero são usadas para cestaria; cordoalha; assentos e armações de cadeiras; fabricação artesanal de móveis e trançados diversos.

Relação com guaiamum: Camuflagem

Dispersão: Zoocórica (aves e pequenos mamíferos)

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■									■	■	■

*

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
			■	■	■	■	■				

* (países da América do Sul, como Equador e Peru)

Palmito-Juçara

Nome popular regional: Palmiteiro, Açaí-do-sul, Palmiteiro-doce; Içara.
Nome científico: *Euterpe edulis* Mart.
Família: Arecaceae

Origem: Nativa

Hábito de vida: Palmeira

Status de Conservação:

VU Vulnerável

Inglês: **Vu**lnerable





Descrição: Altura: 5 a 10m. Caule (estipe) reto, cilíndrico, e não emite brotos na base. **Folhas** alternas, pinadas, com até 3 m de comprimento. **Inflorescência** formada por várias espigas agrupadas, de 50 a 80 cm de comprimento, inseridas abaixo das folhas e protegidas por brácteas (folhas modificadas). **Flores** amareladas, unissexuais e numerosas, com 3 a 6 mm de comprimento. **Fruto** carnudo e com um caroço, quase esférico, com casca lisa, violeta escuro. **Semente** única por fruto, parda-amarelada, envolta por uma cobertura fibrosa e rica em nutrientes.

Uso local: O palmito, extraído do interior do caule, e a polpa de seus frutos são apreciados como alimento. Os pescadores artesanais utilizam as folhas do Palmito-juçara como isca na captura do guaiamum.

Potencial de restauração: Espécie clímax de alta importância ecológica, indicada para restauração de áreas degradadas, especialmente em matas ciliares e ambientes úmidos. Produz grande quantidade de frutos, atraindo fauna dispersora e favorecendo a regeneração natural. Apresenta boa sobrevivência sob sombreamento moderado e é adequada para estágios avançados da sucessão ecológica.

Curiosidades: As suas folhas são usadas em artesanato, como na produção de ítens para decoração. A juçara é da mesma família e gênero do açaí (*Euterpe oleracea*). Suas flores são melíferas, com abundante produção de pólen. Diferente de outras palmeiras que rebrotam, a juçara possui apenas um caule (é monocaulinar). Por isso, a extração do palmito mata a planta.

Relação com guaiamum: Alimentação (folha) | Batumar

Dispersão: Autocórica e zoocórica (mamíferos, aves e répteis).

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■								■	■	■	■

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
				■	■	■	■	■	■	■	

Tabebuia

Nome popular regional: Pau-de-tamanco, Caixeta
Nome científico: *Tabebuia cassinoides* (Lam.) DC.
Família: Bignoniaceae

Origem:
Nativa e endêmica

Hábito de vida:
Árvore

Status de Conservação:

VU Vulnerável

Inglês: **Vu**lnerable





Fruto: de 13 a 25 cm



Descrição: Altura: 3 a 13 m. **Caule** tortuoso com raízes aéreas na base, casca com fissuras finas e descamação em lâminas. **Folhas** simples, opostas, oblongo-lanceoladas, com face superior lisa e inferior levemente pilosa. **Inflorescência** cimosa, trifloras agregadas nas pontas dos ramos. **Flores** de coloração branca com estrias roxas e perfume suave, pouco numerosas. **Fruto** cápsula alongada, de 13 a 25 cm, libera numerosas sementes aladas, quando seca é acinzentada-castanha. **Semente** bialada, delgada com asas membranáceas, largamente côncavo-convexa.

Uso local: A Tabebuia é utilizada como tábuas para construção, na confecção de remos e produção de canoas e outras embarcações pequenas. Por ser uma madeira leve, é adequada para o feitio de artesanato.

Potencial de restauração: Espécie típica de áreas alagadas, indicada para restauração de matas ciliares, várzeas, brejos e restingas baixas. Contribui para a proteção do solo e manutenção do regime hídrico. A produção de sementes leves e aladas favorece a regeneração natural em ambientes úmidos, sendo adequada para áreas sujeitas a inundações temporárias e estágios intermediários de sucessão.

Curiosidades: Espécie marcante de áreas alagadas, considerada indicadora de ambientes úmidos bem preservados. As sementes aladas são levadas pelo vento, ajudando na regeneração natural. Suas flores brancas e perfumadas atraem as abelhas. No passado, a sua madeira muito leve foi utilizada para a produção de tamancos. Por isso, também é conhecida como "pau-de-tamanco".

Relação com guaiamum: Abrigo | Camuflagem (tocas nas raízes)

Dispersão: Anemocórica

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	**S**	**O**	**N**	D

Frutificação:

J	**F**	M	A	M	J	J	A	S	O	**N**	**D**

Bromélia

Nome popular regional: Bromélia
Nome científico: *Aechmea patentissima* (Mart. ex Schult. & Schult.f.) Baker
Família: Bromeliaceae

Origem:
Nativa

Hábito de vida:
Herbácea

Status de Conservação:

NE — Não Avaliada

Inglês:
Not **E**valuated



Descrição: Forma rosetas de cerca de 1 m de altura e largura. **Folhas** coriáceas, com margens serrilhadas e ápice arredondado a acuminado, frequentemente apiculado; bainha foliar bem desenvolvida, formando tanque para acúmulo de água. **Inflorescência** paniculada, ultrapassando a roseta, com porte ereto a levemente recurvado, raque visível, com poucas brácteas. **Flores** sésseis, dispostas de forma dística ou espiralada. Sépalas unidas na base, esverdeadas, levemente assimétricas, com ápices mucronados. Pétalas brancas a creme, elípticas a obovadas, com ápices fimbriados.

Uso local: A Bromélia é utilizada na ornamentação. A espécie apresenta porte atraente e o seu tipo de inflorescência (conspícua) favorecem seu uso paisagístico.

Potencial de restauração: Por sua capacidade de estruturar microhabitats e sustentar comunidades aquáticas e terrestres, contribui para o aumento da complexidade do sub-bosque e para a promoção da fauna associada a bromélias, favorecendo interações ecológicas em áreas restauradas. Embora não seja pioneira, é indicada para fases intermediárias da restauração, especialmente em ambientes sombreados ou parcialmente sombreados.

Curiosidades: Não há curiosidade direta sobre a espécie.

Relação com guaiamum: Camuflagem | Alimentação

Dispersão: Predominantemente por zoocoria

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
J	**F**	M	A	M	J	J	A	**S**	O	N	D

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
J	**F**	M	**A**	**M**	J	J	A	S	O	N	D

Guanandi

Nome popular regional: Jacareúba, Landim
Nome científico: *Calophyllum brasiliense* Cambess.
Família: Calophyllaceae

Origem:
Nativa

Hábito de vida:
Árvore

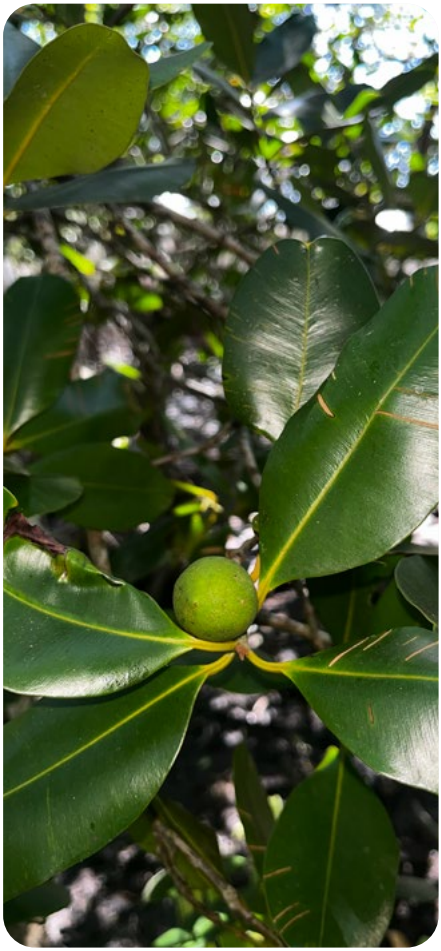
Status de Conservação:

NE Não Avaliada

Inglês:
Not **E**valuated







Descrição: **Altura:** 16 a 40 m. **Caule** reto, com casca externa marrom-escuro a acinzentada, fissurada; casca interna rósea, aromática, com exsudação de látex. **Folhas** simples, opostas, coriáceas, elípticas a oblongas, com nervuras paralelas bem evidentes e pecíolo curto. Inflorescência em cimeiras axilares. **Flores** pequenas, brancas a creme, perfumadas, masculinas e hermafroditas na mesma árvore. **Fruto** do tipo drupa, globosa, verde a amarelada quando madura, contendo uma única semente.

Uso local: A madeira é utilizada na construção, produção de móveis e embarcações, além da confecção de cunha para ferramentas. O guanandi também pode ser utilizado na produção de cosméticos.

Potencial de restauração: Indicada para restauração de matas ciliares, áreas úmidas e ambientes sujeitos a encharcamento periódico. Apresenta crescimento lento, com estabelecimento gradual ao longo de 12 a 15 anos, sendo mais adequada para fases intermediárias a avançadas da sucessão ecológica. Sua boa adaptação a solos úmidos contribui para a estabilização ambiental e manutenção da estrutura florestal a longo prazo.

Curiosidades: O látex que essa árvore exsuda é aromático e possui propriedades medicinais. O Guanandi é uma espécie indicadora de áreas úmidas e possui tolerância ao alagamento. No passado, devido à sua resistência, a madeira do Guanandi foi amplamente utilizada na fabricação de dormentes ferroviários. Atualmente, é valorizada na confecção de móveis rústicos.

Relação com guaiamum: Alimentação (fruto)

Dispersão: Zoocórica (morcegos, aves e macacos)

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■	■	■						■	■	■	■

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
			■	■	■	■	■	■	■		

Guanandi vermelho

Nome popular regional: Guanandi vermelho
Nome científico: *Monteverdia* sp.
Família: Celastraceae

Origem:
Nativa

Hábito de vida:
Arbusto ou árvore

Status de Conservação:

Não categorizado para gênero







Tamanho: 4 a 10cm +-

Descrição: Altura: até 20 m. **Caule** cilíndrico, liso, por vezes com lenticelas. **Folhas** simples, alternas, com estípulas inconspícuas, variando de formato ovalado a alongado ou arredondado, com margem lisa, ondulada ou levemente dentada e nervuras bem visíveis. **Inflorescências** cimosas ou fasciculadas, dispostas lateralmente nos ramos. **Flores** pequenas, esverdeadas, com 4 a 5 pétalas e centro com pequeno anel carnoso. **Fruto** cápsula arredondada ou alongada, deiscente na maturidade. **Sementes** de uma a três por fruto, brilhantes, lisas a levemente rugosas, com arilo branco.

Uso local: A sua madeira é utilizada como lenha e na produção de carvão.

Potencial de restauração: Espécies do gênero *Monteverdia* são indicadas para restauração de áreas degradadas em estágios intermediários, contribuindo para o aumento da diversidade florística. Embora não sejam pioneiras, auxiliam na atração de fauna e no enriquecimento estrutural da vegetação. Ocorrem naturalmente em Floresta Ombrófila Densa e matas ciliares, sendo úteis na recuperação da vegetação nativa nesses ambientes.

Curiosidades: O gênero *Monteverdia* passou por uma revisão recente, e muitas espécies antes conhecidas como *Maytenus* mudaram de nome. É um grupo em constante atualização científica.

Relação com guaiamum: Alimentação (fruto) | Batumar
Abrigo e Camuflagem

Dispersão: Zoocórica (pássaros)

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
								■	■	■	■

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
	■	■	■	■	■						

Mangue-branco

Nome popular regional: Falso-mangue, Mangue-branco
Nome científico: *Laguncularia racemosa* (L.) C.F.Gaertn.
Família: Combretaceae

Origem: Nativa

Hábito de vida: Árvore

Status de Conservação:

NE Não Avaliada

Inglês: **N**ot **E**valuated







Fruto: 1 a 3 cm

Descrição: **Altura:** 12 a 18 m. **Caule** com casca cinza-acinzentada a marrom-avermelhada, fissurada em indivíduos adultos, com lenticelas e presença de pneumatóforos. **Folhas** simples, opostas e coriáceas, de formato oval a arredondado, com pecíolo curto avermelhado e duas glândulas salinas na base da lâmina. **Inflorescências** axilares ou terminais, em espigas, formadas por numerosas flores pequenas, campanuladas, de coloração branco-esverdeada a creme. **Fruto** do tipo drupa, obovóide a alongado, verde a castanho-avermelhado quando maduro. **Semente** única, grande.

Uso local: Não há afirmativa de uso local.

Potencial de restauração: Possui bom potencial para restauração de manguezais, especialmente em áreas internas. Tem sido utilizada, com sucesso, em projetos de reflorestamento de manguezais degradados, contribuindo para a recomposição da estrutura vegetal, estabilização do sedimento e melhoria das condições ambientais. Seu estabelecimento favorece a recuperação funcional do ecossistema e o retorno gradual da fauna associada.

Curiosidades: Costuma ocupar zonas mais internas do manguezal, correspondentes a áreas de maré alta ou menos frequentemente alagadas, em ambientes relativamente mais próximos de "terra firme". As glândulas localizadas no pecíolo, além de atuarem na excreção de sal, podem atrair insetos como formigas e vespas que, por sua vez, podem exercer um papel protetor contra a herbivoria, promovendo uma forma indireta de defesa da planta.

Relação com guaiamum: Alimentação (fruto) | Batumar

Dispersão: Hidrocórica

Floração:

Frutificação:

No Brasil, não há consenso dos meses fixos amplamente aceitos para ambos. A fenologia dessa espécie é altamente dependente da região.

Baba de velho ou fruto de piabanha

Nome popular regional: Frutinha de leite - Louro Branco - Acoará-tinga - Aquaratinga
Nome científico: *Cordia aberrans* M. Johnst
Família: Cordiaceae

Origem:
Nativa e endêmica

Status de Conservação:
LC Pouco Preocupante
Inglês: **L**east **C**oncern

Hábito de vida:
Arbusto





Descrição: **Altura:** Arbusto de 2 a 6 m de **altura**. **Caule** com superfície estrigilosa. **Folhas** alternas, elípticas, base atenuada e ápice agudo, margem inteira, glabra na face adaxial e estrigilosa na face abaxial ambas as faces. **Inflorescência** bissexual com flores brancas, em formato de funil, cálice alongado e permanece preso mesmo após a floração. **Frutos** do tipo drupa, globoso, cor branca quando maduros e glabro.

Uso local: Além do fruto ser consumido como alimento, os pescadores tradicionais do rio São João utilizam essa espécie como isca para a captura de peixes.

Potencial de restauração: Não há dados específicos sobre restauração florestal desta espécie, porém, espécies do gênero apresentam alto potencial para restauração florestal, por regenerar naturalmente em áreas de borda e interior de fragmentos e contribuir para a estruturação do sub-bosque e o avanço da sucessão ecológica.

Curiosidades: Não há curiosidade direta sobre a espécie.

Relação com guaiamum: Alimentação (fruto e folha) | Batumar | Abrigo | camuflagem (tocas nas raízes)

Dispersão: Zoocórica (aves e outros animais)

Floração:

Frutificação:

Não foram encontrados dados específicos de floração e frutificação da espécie.

Tiririca de pássaro

Nome popular regional: Navalha-de-macaco, Baga-de-curió, Trigo-guarani.
Nome científico: *Scleria latifolia* Sw.
Família: Cyperaceae

Origem: Nativa

Hábito de vida: Herbácea

Status de Conservação:

NE Não Avaliada

Inglês: **N**ot **E**valuated



Folha: de 15 a 78 cm





Descrição: Altura: 0,5 a 2,5 m. **Planta** herbácea perene, ereta, cespitosa e rizomatosa. Colmo simples, não ramificado, com 5 a 7 mm de largura. **Folhas** com bainha alada, sem lígula e com contralígula triangular; lâmina lanceolada, medindo até 78 cm de comprimento, com ápice pseudo-premorso e margens escabras. **Inflorescência** paniculada pequena, terminal, com brácteas bem desenvolvidas. Espiguetas subandróginas ou estaminadas, sésseis ou pediceladas. **Fruto** do tipo aquênio, globoso, liso e indeiscente, preto a vináceo, com uma única **semente**; hipogínio trilobado, membranoso.

Uso local: Não há afirmativa de uso local.

Potencial de restauração: Apresenta comportamento pioneiro e ocorre com frequência em áreas úmidas e ambientes antropizados. Apesar de não haver registros específicos de sua aplicação direta em projetos de restauração ecológica, seu potencial é inferido a partir de suas características ecológicas e padrão de ocorrência, sendo considerada promissora para fases iniciais de regeneração natural.

Curiosidades: As margens escabras das folhas são características do gênero, que ao produzirem atrito com a pele, podem provocar escarificações (característica possivelmente associada ao nome popular "navalha-de-macaco"). Os aquênios ornamentados são diagnósticos e muito usados em taxonomia de *Cyperaceae*. Possui ampla distribuição no território brasileiro.

Relação com guaiamum: Alimentação (folha) | Batumar | Abrigo | Camuflagem

Dispersão: Hidrocórica e anemocórica

Floração:

J	F	M	A	M	J	**J**	**A**	**S**	O	N	D

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	**A**	**S**	**O**	**N**	**D**

Indauaçu

Nome popular regional: Andá-açu, cutieira, boleira, fruta-de-cotia e purga-decavalo
Nome científico: *Joannesia princeps* Vell.
Família: Euphorbiaceae

Origem: Nativa e endêmica

Hábito de vida: Árvore

Status de Conservação:

LC Pouco Preocupante — Inglês: **L**east **C**oncern







Fruto: de 6 a 11 cm

Descrição: Altura: 6 a 23 m. **Caule** cinza, fissurado, com látex vermelho. **Folhas** alternas, concentradas no ápice dos ramos, digitadas com 5 a 7 folíolos elípticos, base arredondada, ápice acuminado, margem inteira, face abaxial pubescente e face adaxial pubescente na nervura central. **Inflorescência** em tirso. **Flores** unissexuadas; flores estaminadas com sépalas cupulares e pétalas amarelas; flores pistiladas com pétalas amarelo-claro a brancas e estiletes bífidos. **Frutos** drupáceos, ovais, 6 a 11 cm de diâmetro, marrom-escuros, indeiscentes, com 2 a 3 sementes lenhosas.

Uso local: Alimentação.

Potencial de restauração: É uma espécie relevante na sucessão ecológica em áreas degradadas e é considerada potencialmente útil em programas que visam estudar a compensação de carbono. Experiências em Sistemas Agroflorestais (SAFs) vêm testando-a como ferramenta estatégica para minimizar os efeitos das mudanças climáticas sobre culturas agrícolas.

Curiosidades: Sua madeira pode ser utilizada na fabricação de diversos produtos (celulose, canoas, caixotaria e jangadas). Suas sementes são ricas em óleo, servem de alimento para cutias; são úteis para fins industriais e medicinais; podem substituir o óleo de linhaça em pinturas e ser mais uma alternativa na produção de biodiesel.

Relação com guaiamum: Alimentação (fruto)

Dispersão: Barocórica (por gravidade) e zoocórica (roedores silvestres, como a cutia - *Dasyprocta azarae*).

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
								■	■		

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■	■	■									

Visgo branco

Nome popular regional: Leiteiro
Nome científico: *Sapium glandulosum* (L.) Morong
Família: Euphorbiaceae

Origem: Nativa

Hábito de vida: Arbusto ou árvore

Status de Conservação:

NE — Não Avaliada

Inglês: **N**ot **E**valuated









Folha: de 4 a 28 cm

Descrição: **Altura:** 2 a 20 m. **Caule** geralmente reto com presença de látex. **Folhas** simples, alternas, elípticas a oblanceoladas, de 4 a 28 cm de comprimento, margem finamente serrilhada, ápice com duas glândulas e presença de glândulas na base da folha ou pecíolo. **Inflorescência** em espigas terminais, com flores femininas na base e flores masculinas na porção superior. **Flores** pequenas, unissexuais, de coloração branca a verde-amarelada. **Fruto** do tipo cápsula lenhosa deiscente, com 4 a 6 valvas e contendo uma semente por lóculo. **Semente** ovóides, duras e de coloração arroxeada.

Uso local: Não há afirmativa de uso local.

Potencial de restauração: Indicada para áreas permanentemente encharcadas, apresenta alta adaptação a solos úmidos e pode se desenvolver inclusive sobre vegetação flutuante. Espécie heliófila, de rápido crescimento e com capacidade de rebrota, é adequada para plantios puros ou mistos, contribuindo para a recomposição e estabilização de áreas degradadas com excesso de umidade.

Curiosidades: A espécie apresenta grande variabilidade nas folhas, o que gerou muitos sinônimos na literatura. Seus ramos frequentemente possuem galhas de mariposas e borboletas, e o látex abundante é pegajoso e coagula rapidamente. É altamente tolerante a variações ambientais, ocorrendo desde solos secos até áreas totalmente alagadas, e suporta geadas frequentes, inclusive regiões com neve anual.

Relação com guaiamum: Alimentação (fruto)

Dispersão: Barocórica (gravidade), zoocórica (aves)

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■	■	■							■	■	■

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
			■					■			

Quebra-foice

Nome popular regional: Branquinho. Branquilho-leiteiro. Branquinho-miúdo, Leiteiro-de-folha-fina, Pau de leite, Pau-leiteir, Saruvam, Sarubá
Nome científico: *Sebastiania brasiliensis* Spreng.
Família: Euphorbiaceae

Origem:
Nativa e endêmica

Hábito de vida:
Arbusto ou árvore

Status de Conservação:

NE Não Avaliada

Inglês:
Not **E**valuated









Descrição: **Altura:** 4 a 10 m. **Caule** marrom, cilíndrico, com estrias irregulares, casca esfoliante e lenticelas esparsas; ramos jovens avermelhados. **Folhas** alternas a subopostas, membranáceas, elípticas, com base e ápice agudos a acuminados, margem crenada com glândulas; estípulas fimbriadas. **Inflorescência** terminal, com flores estaminadas e pistiladas. **Flores** pequenas, com 3 sépalas; flores estaminadas com 3 estames. **Fruto** subgloboso, tricoco, glabro, castanho- avermelhado na maturação. **Sementes** elipsoides, marrom-escuras, com tegumento papiráceo.

Uso local: A madeira é utilizada na construção e na produção de carvão.

Potencial de restauração: É altamente recomendada para restauração de áreas degradadas por apresentar tolerância a solos arenosos, crescimento rápido em ambientes abertos, boa capacidade de regeneração natural, especialmente em matas ciliares, além de produção abundante de sementes. Indicada para fases iniciais da sucessão ecológica, contribuindo para a estabilização do ambiente e para a recomposição da cobertura vegetal.

Curiosidades: O exsudato de látex branco é uma característica marcante da espécie, dando origem aos seus nomes populares.

Relação com guaiamum: Batumar

Dispersão: Autocórica (explosão elástica dos frutos)

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■	■	■								■	■

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
						■	■	■	■		

Araribá

Nome popular regional: Angelim, Angelim coco, Angelim doce
Nome científico: *Andira legalis* (Vell.) Toledo
Família: Fabaceae

Origem:
Nativa e endêmica

Hábito de vida:
Árvore

Status de Conservação:

LC Pouco Preocupante

Inglês:
Least **C**oncern





Descrição: **Altura:** 8 a 20 m. **Caule** ereto, com casca acastanhada a acinzentada, levemente fissurada. **Folhas** compostas, alternas, pinadas, com 5 a 11 folíolos opostos ou subopostos, alongados e ovalados, face superior lisa e brilhante e inferior levemente aveludada. **Inflorescências** em panículas terminais ou axilares densas. **Flores** pequenas, hermafroditas, com cálice tubular curto piloso e corola com cinco pétalas roxas. **Fruto** legume indeiscente, lenhoso, grande (5–12 cm), marrom-escuro quando maduro, com uma única semente ovalada, lisa e brilhante.

Uso local: No passado, foi utilizada para a confecção de barril de cachaça e tina para lavar roupa. Atualmente não é utilizada localmente.

Potencial de restauração: Espécie indicada para projetos de restauração florestal por apresentar bom desenvolvimento, formação de copa densa e produção de frutos atrativos para a fauna. Contribui para o sombreamento do solo e para o aumento da diversidade biológica em áreas em recuperação. Pode ser utilizada em plantios mistos, favorecendo a recomposição estrutural e funcional da vegetação nativa.

Curiosidades: É utilizada para carpintaria em geral, sobretudo em construções rústicas e de embarcações.

Relação com guaiamum: Batumar

Dispersão: Zoocórica (mamíferos)

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	**O**	**N**	D

Frutificação:

J	F	M	**A**	**M**	J	J	A	S	O	N	D

Sarrapieira

Nome popular regional: Marmelo, Marmeleiro-da-praia
Nome científico: *Dalbergia ecastaphyllum* (L.) Taub.
Família: Fabaceae

Origem: Nativa

Hábito de vida: Trepadeira ou Arbusto

Status de Conservação:

NE Não Avaliada

Inglês: **N**ot **E**valuated







Folha: de 6 a 12 cm



Descrição: Altura: 1 a 3 m. Caule cilíndrico, ramificado desde a base e lenticelado. **Folhas** simples, de 6 a 12 cm de comprimento, ovada a oblonga, espessas e brilhantes, com margens inteiras e base arredondada. **Inflorescência** em panículas, densamente coberta por pelos ferrugíneos. **Flores** pequenas, de cor rosa-claro a branca, com pétalas arredondadas. **Fruto** vagem achatada, de 2 a 2,3 cm de comprimento, verde-amarronzada e indeiscente. **Semente** única, oblonga, de cerca de 1,7 cm.

Uso local: A sua madeira é utilizada como lenha e na construção de tapumes, cercas e pequenas estruturas.

Potencial de restauração: Típica de ambientes costeiros e margens de manguezais, indicada para recuperação de áreas sujeitas à salinidade, ventos fortes e encharcamento periódico. A dispersão dos frutos pela água das marés e chuvas favorece a regeneração natural em ambientes úmidos. Recomenda-se o plantio em faixas de transição entre zonas secas e alagadas, para compor o estrato arbustivo em estágios iniciais de sucessão.

Curiosidades: É a principal fonte da própolis vermelha, resina coletada pelas abelhas a partir do caule da planta. Esse produto é muito valorizado por suas propriedades medicinais.

Relação com guaiamum: Alimentação (folhas) | Camuflagem

Dispersão: Anemocórica

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
								■	■	■	

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■	■									■	■

Ingá-mirim

Nome popular regional: Ingá-feijão, ingá-dedo, ingá-mirim, ingá, ingaí, ingá-branco, ingá-chichica, ingá-de-macaco, ingá-da-praia
Nome científico: *Inga laurina* (SW.) Willd.
Família: Fabaceae

Origem: Nativa

Hábito de vida: Árvore

Status de Conservação:

LC Pouco Preocupante

Inglês: **L**east **C**oncern









Descrição: Altura: 5 a 8 m. **Caule** cilíndrico, com casca densamente lenticelada. **Folhas** compostas, com 2 a 3 pares de folíolos opostos, verdes e coriáceos quando maduros. **Inflorescência** axilar, com 1 a 2 por axila, em forma de espiga. **Flores** pequenas a médias, com cálice campanulado, corola e estames brancos. **Fruto** do tipo vagem, espesso e lenticelado, amarelo-pálido a marrom-claro na maturação. **Sementes** envoltas por arilo branco.

Uso local: O fruto do Ingá-mirim é consumido como alimento e sua madeira é utilizada como lenha.

Potencial de restauração: Espécie com bom potencial para restauração florestal, especialmente em áreas abertas e em estágios iniciais de sucessão, devido ao seu crescimento rápido em ambiente natural. A produção de frutos comestíveis favorece a atração da fauna, contribuindo para processos de regeneração natural. Pode atuar como espécie facilitadora no restabelecimento da cobertura vegetal.

Curiosidades: A polpa branca, suculenta e de sabor doce que envolve as sementes é o que é consumido como alimento. Ela pode ser consumida *in natura*, ou usada em sucos e preparações.

Relação com guaiamum: Alimentação (fruto) | Batumar

Dispersão: Zoocoria

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
							■	■	■	■	■

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■	■									■	■

Ingá-pau

Nome popular regional: Ingá-cipó, Ingá-de-metro, Ingá-doce, Ingá-rabo-de-macaco
Nome científico: *Inga edulis* Mart.
Família: Fabaceae

Origem: Nativa

Hábito de vida: Árvore

Status de Conservação:

NE Não Avaliada

Inglês: **N**ot **E**valuated



Descrição: **Altura:** 5 a 10 m. **Caule** tortuoso, por vezes ramificado desde a base, com casca cinza-claro, lisa a pouco fissurada, com lenticelas alongadas. **Folhas** compostas, alternas e paripinadas, com 4 a 6 pares de folíolos opostos, verde-escuros e brilhantes; raque alada com glândula nectária. **Inflorescências** terminais ou axilares. **Flores** pequenas, hermafroditas, branco-esverdeadas. **Fruto** vagem alongada e cilíndrica, reta ou espiralada, com sulcos longitudinais, indeiscente. **Sementes** ovóides a oblongas, lisas, escuras, envoltas por arilo branco e fibroso.

Uso local: É utilizada na alimentação (fruto) e produção de carvão.

Potencial de restauração: Espécie amplamente utilizada em projetos de restauração ecológica e recuperação de áreas degradadas, especialmente por seu crescimento rápido, capacidade de melhorar a fertilidade do solo e contribuição para o sombramento e estruturação inicial da vegetação, favorecendo o estabelecimento de outras espécies.

Curiosidades: A espécie possui grande potencial melífero, fornecendo tanto néctar quanto pólen. Sua madeira é adequada para a produção de papel e celulose, além de apresentar excelente qualidade para lenha e produção de carvão.

Relação com guaiamum: Batumar

Dispersão: Zoocórica (aves, mamíferos e peixes) e hidrocórica (água)

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
J	**F**	**M**	A	M	J	J	A	S	O	N	D

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
J	F	M	A	M	J	J	A	S	**O**	**N**	D

Pau-Ferro

Nome popular regional: Pau-ferro, Jucá, Madeira-de-ferro-brasileira.
Nome científico: *Libidibia ferrea* (Mart. ex Tul.) L.P.Queiroz
Família: Fabaceae

Origem:
Nativa e endêmica

Hábito de vida:
Árvore

Status de Conservação:

NE Não Avaliada

Inglês:
Not **E**valuated







Descrição: Altura: 10 a 20 m, podendo atingir até 35 m. **Caule** reto e cilíndrico, geralmente curto, com bifurcações quando isolada; casca lisa, cinza, com manchas brancas. **Folhas** compostas bipinadas, alternas, com 9 a 13 pares de pinas e numerosos folíolos opostos, pequenos, oblongos a elípticos, de margem inteira. **Inflorescências** em panículas terminais ou axilares, eretas e multifloras. **Flores** pequenas, amarelas, brilhantes. **Fruto** vagem rígida, de 5 a 10 cm, escura quando madura, com 2 a 10 sementes. **Sementes** oblongas, muito duras, rugosas, marrom-escuras.

Uso local: O seu uso é bem diversificado, mas destaca-se a sua utilização na confecção de gaiolas.

Potencial de restauração: Espécie indicada para reflorestamento e recuperação ambiental de matas ciliares, especialmente em áreas não sujeitas à inundação periódica. Apresenta bom desempenho em solos bem drenados, contribuindo para a recomposição do estrato arbóreo e para a estabilização ambiental de áreas ripárias degradadas.

Curiosidades: A espécie é frequentemente utilizada na arborização urbana, devido à sua resistência, valor ornamental e durabilidade da madeira. É considerada uma das madeiras mais duras para o corte por esforço braçal.

Relação com guaiamum: Batumar | Abrigo | Camuflagem

Dispersão: Barocórica e zoocórica

Floração:

J	F	M	**A**	M	J	J	A	S	O	N	D

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	**A**	**S**	O	N	D

Monjolo tento

Nome popular regional: Angico-de-flor-roxa, Angico-roxo, Angico-vermelho, Monjolo branco
Nome científico: *Parapiptadenia pterosperma* (Benth.) Brenan
Família: Fabaceae

Origem: Nativa e endêmica

Hábito de vida: Árvore

Status de Conservação:

LC Pouco Preocupante

Inglês: **L**east **C**oncern



Folha: de 0,4 a 1,5 cm









Descrição: **Altura:** 12–20 m. **Caule:** ereto, cilíndrico, com casca rugosa e descamante em placas grandes e irregulares. **Folhas:** compostas bipinadas, 4–7 pinas opostas com 10–22 folíolos pequenos, sésseis, glabros e com faces de cor diferente medindo de 5–9 mm. **Inflorescências:** em espigas axilares, solitárias ou geminadas, cilíndricas, 7–10 cm de comprimento, sobre pedúnculo de até 2 cm, com flores de coloração arroxeada. **Fruto:** legume deiscente, achatado e ondulado, marrom-avermelhado, 12–16 cm, com ápice agudo a espinescente, contendo 4–8 sementes aladas.

Uso local: A madeira é utilizada como tábua para barcos e na confecção de carimbos artesanais e diversos tipos de artesanato, aproveitando sua resistência, facilidade de trabalho e boa durabilidade.

Potencial de restauração: Indicada para recuperação de áreas degradadas, desenvolve-se bem a pleno sol, crescimento rápido e elevada capacidade de colonizar áreas abertas, favorecendo o sombreamento inicial e a sucessão vegetal. Estudos na Mata Atlântica indicam que contribui para o aumento da fertilidade do solo, com alta produção de serapilheira e capacidade de fixação de nitrogênio, favorecendo a ciclagem de nutrientes e o restabelecimento da vegetação.

Curiosidades: Está citada entre as 10 espécies com maior valor de importância em Floresta Estacional Semidecidual de tabuleiros do Estado do Rio de Janeiro. Possui potencial madeireiro, sendo utilizada em construção civil, e é considerada uma espécie melífera.

Relação com guaiamum: Batumar

Dispersão: Autocórica: Barocoria, anemocórica e hidrocórica.

Floração: J F M A M J J A S O N D

Frutificação: J F M A M J J A S O N D

Casca doce

Nome popular regional: Pau-sangue, Sangueiro
Nome científico: *Pterocarpus rohrii* Vahl
Família: Fabaceae

Origem:
Nativa

Hábito de vida:
Árvore

Status de Conservação:

NE Não Avaliada

Inglês:
Not **E**valuated









Descrição: **Altura:** mais de 30 m. **Caule** reto ou levemente tortuoso e raízes tabulares. **Folhas** compostas, com 3 a 12 pares de folíolos, cor verde-brilhante, formato ovalado e textura fina e lisa. **Inflorescência** em racemo ou panícula de 9 a 13 cm. **Flores** amarelas pequenas e perfumadas, mancha arroxeada em uma das pétalas e duas bractéolas no cálice. **Fruto** sâmara alada, achatada e com 1 a 3 sementes rodeadas de uma asa larga, cor castanho-escura entre 4 a 8 cm. **Semente** inseparável do fruto, formato de feijão curvo.

Uso local: Essa espécie é útil no engradamento de casas e acabamentos e construções leves. É também utilizada na caixotaria.

Potencial de restauração: Indicada para restauração de matas ciliares e áreas degradadas, especialmente em solos úmidos e bem drenados. Pode ser plantada a pleno sol ou em consórcio com espécies pioneiras. Apresenta crescimento moderado e boa adaptação em ambientes florestais, tolerando sombreamento nas fases iniciais de desenvolvimento.

Curiosidades: O nome vem do grego: "ptero" (asa) e "carpus" (fruto), fazendo referência ao fruto alado que o vento espalha. Essa árvore libera uma seiva vermelha quando o seu tronco é cortado. Ela possui floração curta e vistosa. As suas flores são perfumadas e atraem as abelhas, aumentado a sua relevância ecológica. Também é considerada uma espécie ornamental.

Relação com guaiamum: Batumar

Dispersão: Anemocórica

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■									■	■	■

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
								■			

Fuzil preto

Nome popular regional: Canela-branca
Nome científico: *Nectandra membranacea* (Sw.) Griseb.
Família: Lauraceae

Origem: Nativa

Hábito de vida: Árvore

Status de Conservação:

NE Não Avaliada

Inglês: **N**ot **E**valuated





Tamanho: de 4 a 28 cm

Descrição: **Altura:** até 35 m. **Caule** geralmente reto a levemente tortuoso, com casca externa marrom-acinzentada, áspera, e casca interna mais clara. **Folhas** simples, alternas, coriáceas, lanceoladas a elípticas, com ápice agudo a acuminado, base atenuada e face adaxial verde-brilhante. **Inflorescência** em panículas axilares, multifloras. **Flores** hermafroditas, pequenas, com cerca de 3 mm de diâmetro e perfumadas. **Fruto** do tipo baga, subglobosa, de coloração escura quando madura. **Semente** única, elipsoide, com cerca de 2 cm de comprimento.

Uso local: A madeira é utilizada no engradamento de casas e mourão.

Potencial de restauração: Indicada para restauração de florestas úmidas e margens de rios, tolerando solos úmidos e bem drenados. Apresenta boa adaptação em plantios mistos e contribui para o enriquecimento florístico e estrutural das áreas. Seus frutos atraem a fauna, favorecendo a dispersão de sementes, enquanto o porte e a copa auxiliam no sombreamento inicial, criando condições adequadas para o avanço da sucessão ecológica.

Curiosidades: Amplamente distribuída na Mata Atlântica, é uma das espécies desse gênero mais comuns do Brasil. Seu crescimento é lento, mas apresenta alta sobrevivência e resistência moderada ao frio. Diferencia-se de espécies próximas por ter face inferior das folhas pouco pilosa ou glabra, e copa irregular, com folhagem verde-brilhante.

Relação com guaiamum: Alimentação (folhas) | Batumar

Dispersão: Zoocórica (aves de pequeno e médio porte)

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■	■	■	■	■							

*

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
									■	■	■

*

* Dados para o estado de São Paulo

Folha-dourada-da-praia

Nome popular regional: Folha-dourada-da-praia
Nome científico: *Heteropterys coleoptera* A.Juss.
Família: Malpighiaceae

Origem:
Nativa e endêmica

Hábito de vida:
Arbusto

Status de Conservação:

NE Não Avaliada

Inglês:
Not **E**valuated





Descrição: **Altura:** 2 a 10 m. **Caule** com ramos recobertos por indumento ferrugíneo. **Folhas** opostas, cartáceas, ovaladas a elípticas, com base estreita e ápice agudo, face abaxial pubescente. **Inflorescências** em umbelas axilares, com 2 a 4 flores eretas. **Flores** pequenas, amarelas, espessas, com margens irregulares e indumento ferrugíneo. **Fruto** seco, esquizocárpico, dividido em samarídeos alados, com uma asa dorsal maior e duas laterais menores, densamente pilosos. Cada samarídeo contém uma única semente, sem endosperma, associada ao núcleo seminífero.

Uso local: Comum na amarração de itens.

Potencial de restauração: Cresce bem em bordas de mata, clareiras e áreas abertas de vegetação secundária. Seus frutos alados são dispersos pelo vento, permitindo colonizar rapidamente áreas em regeneração. É útil em processos de recuperação de vegetação secundária, contribuindo para cobertura vegetal e aumento da diversidade estrutural.

Curiosidades: Não há curiosidade direta sobre a espécie.

Relação com guaiamum: Alimentação | Batumar

Dispersão: Anemocórica

Floração: **J** **F** M A M **J** J A S **O** **N** D

Frutificação: J F M **A** M J J **A** S O **N** **D**

Paina

Nome popular regional: Embiruçu, Buruçu, Paineira-rosa, Paineira-branca.
Nome científico: *Pseudobombax grandiflorum* (Cav.) A.Robyns
Família: Malvaceae

Origem:
Nativa e endêmica

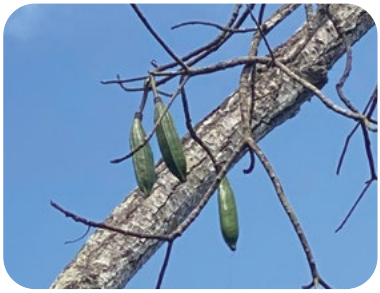
Hábito de vida:
Árvore

Status de Conservação:

LC Pouco Preocupante

Inglês:
Least **C**oncern







Descrição: **Altura:** 8 a 20 m. **Caule** reto, com casca externa acinzentada a pardo-escuro, apresentando pequenas escamas escuras; casca interna avermelhada. **Folhas** compostas, palmadas, com 7 a 9 folíolos grandes, elípticos a obovados, de margem inteira e textura cartácea a coriácea. **Inflorescência** em cimeiras terminais. **Flores** grandes, solitárias, terminais, brancas, vistosas, com numerosos estames alongados. **Fruto** cápsula lenhosa alongada, com cinco ângulos bem marcados, abrindo-se quando madura. **Sementes** pequenas, pretas, envoltas em pelos fibrosos (paina).

Uso local: Marcenaria, lenha e enchimento (sementes). A confecção de cordas com as suas fibras servem para amarração de construções. Também são utilizadas para amarrar o guaiamum e como isca para capturá-lo. Pode ser usada na produção de papel.

Potencial de restauração: Espécie pioneira a secundária inicial, indicada para recuperação de áreas degradadas, áreas de proteção permanente e ambientes com forte perturbação, como encostas instáveis e voçorocas. Apresenta rápido crescimento e boa capacidade de estabelecimento em áreas abertas, contribuindo para o sombreamento inicial, a estabilização do solo e o avanço dos processos sucessionais em projetos de restauração florestal.

Curiosidades: Devido à bela floração e o diferencial de ter a paina branca presa à planta, essa árvore é utilizada na ornamentação de ruas, praças e parques. A paina é utilizada como enchimento de travesseiros, colchões, almofadas, endredons e brinquedos.

Relação com guaiamum: Alimentação (semente e brotos)

Dispersão: Anemocórica

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
			■	■	■	■	■	■			

*

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
							■	■	■		

*

* Dados para o estado de São Paulo

Imbira

Nome popular regional: Hibisco-do-mangue, Algodão-do-brejo, Algodoeiro-da-praia
Nome científico: *Taliparitipernambucense* (Arruda) Bovini
Família: Malvaceae

Origem: Nativa

Hábito de vida: Arbusto ou árvore

Status de Conservação:

NE Não Avaliada

Inglês: **N**ot **E**valuated



Flor: de 6 a 8 cm





Descrição: **Altura:** 1,5m a 8m. **Caule** ramificado e tortuoso, com casca crenada. **Folhas** simples, cordiformes, com base cordada, ápice agudo e margem inteira; face superior glabra e inferior velutina. **Inflorescências** axilares ou terminais, cimosas, às vezes solitárias. **Flores** hermafroditas, grandes (6–8 cm), com cálice campanulado verde e piloso e corola com cinco pétalas amarelas, tornando-se alaranjadas com o envelhecimento. **Fruto** cápsula lenhosa, castanho-escura, globosa a ovóide, deiscente. **Sementes** subglobosas, marrons, com pelos finos.

Uso local: As suas fibras são usadas pelos pescadores tradicionais como isca para atrair o guaiamum e também para amarrá-lo depois de capturado. Essa planta também é útil na amarração de construções (cordas de fibras) e como lenha.

Potencial de restauração: Espécie com alto potencial para restauração em zonas costeiras, incluindo manguezais e áreas de transição litorânea. Apresenta boa adaptação a solos úmidos, salinos e ambientes ribeirinhos, com crescimento rápido e elevada capacidade de regeneração natural. É indicada para estabilização do solo, recomposição da cobertura vegetal e formação de cinturões vegetados em áreas costeiras degradadas.

Curiosidades: As folhas maiores podem desenvolver nectários extraflorais que secretam líquido adocicado, atraindo formigas. É comum que as jiboias a utilizem como abrigo.

Relação com guaiamum: Alimentação (preferida) | Batumar

Dispersão: Anemocórica e Hidrocórica

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
	■	■	■								

Cedarana

Nome popular regional: Catiguá-branco
Nome científico: *Trichilia* sp.
Família: Meliaceae

Origem:
Nativa

Hábito de vida:
Arbusto ou árvore

Status de Conservação:

Não categorizado para gênero



Folha: de 8 a 14 cm

Descrição: O gênero Trichilia compreende árvores ou arbustos predominantemente tropicais, com cerca de 81 espécies na América tropical. Suas espécies ocorrem principalmente em florestas úmidas, com predominância do hábito arbóreo ou arbustivo, raramente lianescente. As **folhas** são geralmente pinadas, e as **inflorescências** axilares formam panículas ou tirsos com flores pequenas, frequentemente unissexuadas. O gênero é bem definido por **flores** com tubo estaminal formado por estames parcialmente soldados e por **frutos** capsulares de 2–3 valvas com sementes ariladas.

Uso local: A cedarana é utilizada na confecção de remo.

Potencial de restauração: O gênero inclui espécies indicadas para enriquecimento de formações florestais e aumento da diversidade em áreas em restauração. No geral são espécies zoocóricas, com produção de frutos atrativos à fauna, que contribuem para a manutenção de dispersores e para a regeneração natural. Recomendadas para plantios mistos em estágios intermediários da sucessão, auxiliam na complexidade estrutural e funcional da vegetação.

Curiosidades: Não há curiosidade direta.

Relação com guaiamum: Alimentação (fruto) | Batumar

Dispersão: Zoocórica (em geral por aves)

Floração: J F M A M J J A S O N D

Frutificação: J F M A M J J A S O N D

Tatagiba

Nome popular regional: Tatajuba, Taiúva
Nome científico: *Maclura tinctoria* (L.) D.Don ex Steud
Família: Moraceae

Origem: Nativa

Hábito de vida: Árvore

Status de Conservação:

NE — Não Avaliada

Inglês: **N**ot **E**valuated



Folha: de 6 a 13 cm

Descrição: **Altura:** 10 a 30 m. **Caule** lactescente, geralmente armado, com tronco robusto e madeira densa. **Folhas** simples, ovadas a elípticas, medindo 6 a 13 cm de comprimento, com ápice agudo, base geralmente assimétrica e margens serrilhadas; face adaxial glabra a levemente áspera e nervuras evidentes na face abaxial; pecíolo curto e estípulas pareadas e decíduas. **Flores** dispostas em inflorescências solitárias. **Fruto** subgloboso, carnoso, indeiscente, amarelo-esverdeado quando maduro, formando uma infrutescência. **Semente** achatada, ovada, de coloração creme.

Uso local: A Tatagiba é apreciada na construção e as tábuas feitas com a sua madeira são úteis na construção de embarcações.

Potencial de restauração: Alternativa viável para reflorestamento e restauração ecológica, devido à sua longevidade e aos atributos que favorecem a recuperação do solo. Pode ser utilizada tanto em projetos de restauração quanto em associação com colheitas agrícolas, apresentando boa adaptação a uma ampla variedade de ambientes e condições edáficas. ampla variedade de ambientes e condições edáficas.

Curiosidades: Extrai-se corantes e pigmentos da madeira, sendo conhecida em alguns lugares como pau-de-cores, muito procurado pelos franceses pelo litoral cearense no século XVII. Os frutos são suculentos e saborosos, podendo ser consumidos ao natural, na produção de sucos ou em bebidas refrescantes, tradicionais na Argentina..

Relação com guaiamum: Alimentação (fruto) | Abrigo | Camuflagem

Dispersão: Zoocórica (morcegos e aves)

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■								■	■	■	■

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■	■										■

Espinheira santa

Nome popular regional: Falsa-espinheira-santa
Nome científico: *Sorocea* sp.
Família: Moraceae

Origem:
Nativa

Hábito de vida:
Arbusto ou árvore

Status de Conservação:

Não categorizado para gênero



Folha: de 18 a 20 cm





Descrição: *Sorocea* é exclusivamente neotropical com 16 a 18 espécies no Brasil. São arbustivas a arbóreas com látex por toda a planta. **Folhas:** alternas em único plano, nervura pinada curvadas e unidas em direção ápice e ramos da folha ao caule sulcados. **Inflorescências:** axilares em racemos, espigas ou raro capitadas. **Flores:** unissexuais, em número ou múltiplo de 4. Flores estaminadas, com ou sem haste de sustentação, cálice e corola iguais. Flores pistiladas com ou sem haste, cálice e corola tubulares ou raramente 4-partidos, ovário súpero a ínfero. **Fruto:** drupa globosa.

Uso local: A madeira é utilizada na confecção de cabo de ferramentas.

Potencial de restauração: Há pouca ou nenhuma informação especificamente sobre o potencial de restauração de espécies de *Sorocea*, porém, algumas características do ambiente típico de ocorrência e ecologia são relevantes no contexto de restauração. Dentre essas características estão: ocorrência em sub-bosque florestal, tolerando sombreamento e luz difusa, com frutos que alimentam animais e ajudam na dispersão de sementes.

Curiosidades: Não há curiosidade direta.

Relação com guaiamum: Alimentação (folhas)| Batumar

Dispersão: Zoocórica

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■	■								■	■	■

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■	■	■	■							■	■

Gurmamé

Nome popular regional: Pau-tiú
Nome científico: *Sorocea hilarii* Gaudich.
Família: Moraceae

Origem:
Nativa e endêmica

Hábito de vida:
Arbusto ou árvore

Status de Conservação:

NE — Não Avaliada

Inglês:
Not **E**valuated



Tamanho: de 8 a 14 cm

Descrição: **Altura:** até 4 m. **Caule** reto e cilíndrico, com casca lisa, cinza-claro, apresentando lenticelas em fileiras horizontais. **Folhas** simples, alternas e coriáceas, com limbo oblongo a elíptico, margens inteiras na metade inferior e dentadas ou espinescentes na metade superior, face superior glabra e brilhante e inferior pouco pilosa e opaca, com ápice acuminado. **Inflorescências** em racemos axilares. **Flores** numerosas e pequenas, masculinas bordô-escuras e femininas verde-limão. **Fruto** drupa carnosa e oval, avermelhada a quase preta quando madura.

Uso local: A madeira é utilizada na confecção de cabo de enxada e também como lenha.

Potencial de restauração: Espécie promissora para restauração florestal e manejo sustentável, sendo observada em processos de regeneração natural. Apresenta boa adaptação ao sub-bosque e contribui para o aumento da diversidade estrutural e funcional da vegetação, favorecendo a manutenção da fauna associada.

Curiosidades: Ela apresenta látex branco quando ferida, característica diagnóstica da família Moraceae e relevante para identificação em campo.

Relação com guaiamum: Batumar

Dispersão: Zoocórica (aves)

Floração: **J** **F** M A M J J A S O N D

Frutificação: J **F** **M** A M J J A S O N D

Grumixama

Nome popular regional: Grumixameira, Ibaporoiti
Nome científico: *Eugenia brasiliensis* Lam.
Família: Myrtaceae

Origem:
Nativa e endêmica

Hábito de vida:
Árvore

Status de Conservação:

LC Pouco Preocupante

Inglês:
Least **C**oncern



Folha: de 6 a 12 cm

Descrição: **Altura:** até 15 m. **Caule** reto, de casca acinzentada e levemente fissurada. **Folhas** simples, opostas, coriáceas, com formato ovalado e ápice pontiagudo, medindo de 6 a 12 cm. **Inflorescência** em racemo, ocorre nas axilas das folhas, de 3 a 4 pares de flores. **Flores** pequenas, brancas e perfumadas, com numerosos estames. **Fruto** baga globosa, de coloração roxa-escura ou amarelada quando madura, com polpa suculenta e adocicada. **Sementes** uma ou duas, claras e superfície lisa.

Uso local: Os frutos maduros são apreciados e consumidos *in natura*.

Potencial de restauração: Possui ótimas características para o paisagismo, pelo fato de sua copa ser bem adaptável. Os frutos são avidamente procurados por pássaros, o que a torna componente indispensável nos reflorestamentos heterogêneos destinados à recomposição de áreas degradadas de preservação permanente. Planta perenifólia, heliófita e seletiva higrófita ("gosta" de solo úmido a encharcado), característica exclusiva da mata pluvial atlântica. onde é bastante rara. Ocorre em associações primárias de planícies aluviais e encostas suaves. A regeneração natural é bastante limitada.

Curiosidades: Os seus frutos são doces e atrativos para aves e pequenos mamíferos, auxiliando na dispersão. A madeira é densa e resistente. Essa espécie pode florescer mais de uma vez ao ano, favorecendo a fauna em áreas restauradas.

Relação com guaiamum: Alimentação (fruto)

Dispersão: Zoocórica

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	**D**

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
J	**F**	**M**	**A**	**M**	**J**	**J**	A	S	O	N	D

Cabeludinha

Nome popular regional: Desconhecido
Nome científico: *Myrciaria* sp.
Família: Myrtaceae

Origem: Nativa

Hábito de vida: Arbusto

Status de Conservação:

Não categorizado para gênero



Folha: de 6 a 11 cm

Descrição: Altura: 2 a 4 m. Arbusto de copa densa, com ramos próximos ao solo. **Caule** áspero e escuro quando lignificado. **Folhas** simples, opostas, coriáceas, elípticas a lanceoladas, com ápice agudo, base obtusa e margens levemente revolutas; nervura principal saliente na face abaxial e mais de 20 pares de nervuras laterais. Face adaxial glabra e abaxial pubescente, com glândulas translúcidas. **Inflorescências** glomerulares. **Flores** sésseis, com bractéolas caducas. **Frutos** globosos, levemente pubescentes.

Uso local: Essa espécie é apreciada na alimentação.

Potencial de restauração: Amplamente utilizada em sistemas agroflorestais e na arborização urbana, apresenta melhor desempenho na germinação e fase de plântula em plantios mistos, sob regeneração e dossel mais fechado, devido à tolerância à baixa luminosidade. Espécies da família Myrtaceae são comumente indicadas para restauração de áreas degradadas, reflorestamento e enriquecimento de florestas secundárias no Brasil.

Curiosidades: É nativa e endêmica da Mata Atlântica no Brasil.

Relação com guaiamum: Alimentação (fruto) | Batumar

Dispersão: Zoocórica

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
			■	■	■						

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
									■	■	■

Jabuticaba

Nome popular regional: Jabuticaba
Nome científico: *Plinia peruviana* (Poir.) Govaerts
Família: Myrtaceae

Origem: Nativa

Hábito de vida: Árvore

Status de Conservação:

LC Pouco Preocupante

Inglês: **L**east **C**oncern



Descrição: **Altura:** 3 a 15 m. **Caule** geralmente reto, com casca lisa e castanho-acinzentado. **Folhas** opostas, inteiras, lanceoladas com ápice agudo e base obtusa. **Inflorescência** em glomérulos, que surgem no caule ou galhos grossos sem folhas. **Flores** brancas com pedúnculo muito curto. **Fruto** tipo baga globosa, de até 3,5 cm de diâmetro, de cor roxa escuro a preta e casca lisa, firme e brilhante. **Semente:** 2 por fruto, com polpa branca, translúcida, gelatinosa e com sabor doce a ligeiramente ácido.

Uso local: A fruta da jabuticaba é consumida *in natura* e na preparação de sucos, geleias e licores; e a madeira é utilizada no feitio de artesanatos pequenos. Localmente, a madeira é utilizada na confecção de cabo de ferramenta.

Potencial de restauração: Com ampla distribuição, demonstra alta adaptabilidade a diferentes condições ambientais. Os frutos atraem aves frugívoras, favorecendo a fauna e a dispersão natural. Indicada para projetos de restauração em bordas de mata, matas ciliares e áreas florestais, contribuindo para aumentar a diversidade e oferecer alimento para a fauna.

Curiosidades: A espécie faz parte do Banco de Germoplasma da Embrapa, onde passa a ter linhagens preservadas a longo prazo, evitando perda de variabilidade genética. Isso reforça seu valor ecológico, sua importância para pesquisas e seu potencial econômico como frutífera nativa.

Relação com guaiamum: Alimentação (fruto) | Batumar

Dispersão: Zoocórica (aves)

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	**S**	**O**	N	D

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	**S**	**O**	**N**	D

Vassoura de feiticeira

Nome popular regional: Vassoura de feiticeira, Planta-mickey-mouse
Nome científico: *Ouratea cuspidata* (A.St.-Hil.) Engl.
Família: Ochnaceae

Origem:
Nativa e endêmica

Hábito de vida:
Arbusto ou árvore

Status de Conservação:

LC Pouco Preocupante

Inglês:
Least **C**oncern



Flor: de 1,5 cm





Descrição: **Altura:** 1 a 4 m, variando conforme o ambiente. **Caule** lenhoso, ereto, ramificado desde a base, com ramos jovens glabros a levemente pilosos. **Folhas** simples, alternas, coriáceas, com pecíolo curto; nervura central proeminente na face abaxial e margens serrilhadas. **Inflorescências** terminais em panículas, com numerosas flores amarelo-ouro. **Flores** pentâmeras, com pétalas livres. **Frutos** do tipo drupa, pequenos, globosos a elipsoides, enegrecidos na maturação. **Semente** única por fruto, elipsoide, de coloração bege a marrom-clara, com testa levemente rugosa.

Uso local: No passado, era utilizada para a confecção de vassouras.

Potencial de restauração: A espécie é registrada em formações naturais de restinga e florestas associadas, mas seu potencial para restauração permanece pouco documentado, sendo necessária a realização de estudos aplicados que avaliem seu desempenho em áreas degradadas e em diferentes estágios sucessionais.

Curiosidades: Espécie de valor ornamental.

Relação com guaiamum: Batumar

Dispersão: Zoocórica

Floração: J F M A M J J A S O N D

Frutificação: J F M A M J J A S O N D

Quebradeira

Nome popular regional: Bolo, Folha-de-bolo, Uva-da-praia
Nome científico: *Coccoloba alnifolia* Casar.
Família: Polygonaceae

Origem:
Nativa e endêmica

Hábito de vida:
Arbusto ou árvore

Status de Conservação:

NE — Não Avaliada

Inglês:
Not **E**valuated



Folha: de 12 a 22 cm



Fruto: de 0,5 a 1 cm

Descrição: Altura: 1,5 a 10m. **Caule:** ereto, ramos estriados, glabros, com lenticelas e membrana no caule da base das folhas persistentes. **Folhas:** simples, alternas; arredondado a oboval, 10,5 a 19 cm, base cordada a arredondada, ápice arredondado com ponta longa e estreita; face superior glabra, inferior, com pequenos pelos; nervuras impressas acima e salientes abaixo; ramo que liga a folha ao caule articulado à membrana do caule, 1,5 a 2 cm. **Inflorescências:** terminais, racemos alongados, 13 a 20 cm, densifloros, pubérulos. **Flores:** pequenas, com haste para sustentar. **Frutos:** ovóides e coriáceos.

Uso local: Essa planta é utilizada localmente como lenha.

Potencial de restauração: Há pouca informação sobre o potencial de restauração da espécie. Características como dominância em diferentes formações vegetais de restinga e elevado valor de importância fitossociológica, são relevantes no contexto de restauração, pois demonstram o protagonismo e a capacidade da espécie em se adaptar a ambientes com diferentes regimes hídricos e luminosos sobre solo arenoso.

Curiosidades: Não há curiosidade direta sobre a espécie.

Relação com guaiamum: Camuflagem (tocas nas raízes) | Batumar

Dispersão: Zoocórica (possivelmente aves)

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■	■	■	■							■	■

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■	■	■	■	■	■					■	■

Avencão

Nome popular regional: Samambaia-do-mangue
Nome científico: *Acrostichum danaeifolium* Langsd. & Fisch.
Família: Pteridaceae

Origem: Nativa

Hábito de vida: Herbácea

Status de Conservação:

NE — Não Avaliada

Inglês: **N**ot **E**valuated



Tamanho: de 200 a 350 cm

Descrição: Altura: até 3 m. Rizoma ereto a pouco rastejante, robusto. **Folhas** compostas, frondes grandes, eretas, medindo de 2 a 3,5 m de comprimento; pecíolo longo, levemente sulcado e sem espinhos; lâmina lanceolada, com 10 a 40 pares de pinas alongadas. As **estruturas reprodutivas** ficam distribuídas na face inferior das folhas férteis, onde são produzidos **esporos** de coloração esbranquiçada a amarelada e superfície levemente rugosa.

Uso local: Contribui no manejo do guaiamum e é apreciada como ornamento e alimento. Os pescadores tradicionais utilizam essa espécie na montagem de tapumes e de abrigos usados na captura e criação desses crustáceos em áreas de mangue.

Potencial de restauração: Espécie pioneira em áreas úmidas e abertas de manguezais, com papel importante na recuperação natural após distúrbios. Forma agrupamentos densos que auxiliam na retenção de sedimentos, proteção do solo e criação de sombra, favorecendo o estabelecimento de outras espécies nativas. Pelo crescimento rápido, é indicada para restauração passiva.

Curiosidades: A espécie possui raízes fortes que firmam o solo em áreas alagadas, ajudando a conter a erosão. As frondes férteis ficam mais escuras quando carregadas de esporos, destacando-se entre as folhas verdes. É comum servir de abrigo para pequenos animais, como caranguejos. A sua presença indica manguezais e restingas bem preservados.

Relação com guaiamum: Alimentação (folhas e brotos) | Batumar

Dispersão: Seus esporos são dispersos por Anemocoria e Hidrocoria

Floração:

Frutificação:

As plantas da família Pteridaceae não produzem frutos ou flores. Elas produzem esporos ao longo do ano.

Mangue-vermelho

Nome popular regional: Mangue-vermelho, sapateiro
Nome científico: *Rhizophora mangle* L.
Família: Rhizophoraceae

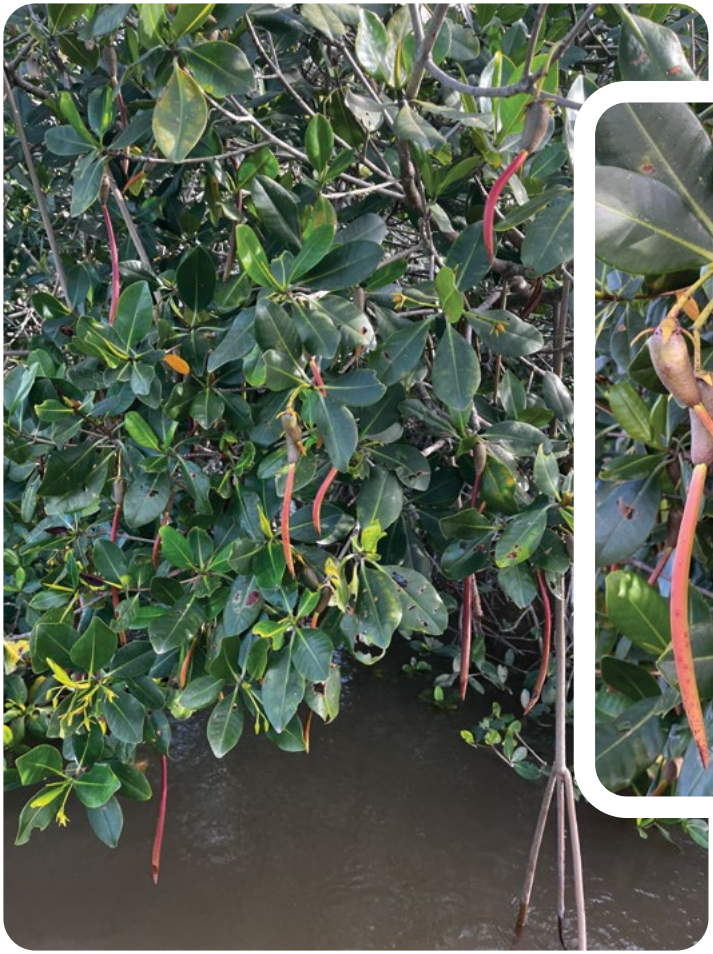
Origem:
Nativa

Hábito de vida:
Árvore

Status de Conservação:

NE Não Avaliada

Inglês:
Not **E**valuated





Descrição: **Altura:** 6 a 25 m. **Caule** com casca lisa a rugosa, desenvolvendo numerosas raízes aéreas de sustentação. **Folhas** simples, geralmente opostas, coriáceas, elípticas a obovadas, com pecíolo curto e estípulas conspícuas, cujas cicatrizes permanecem nos ramos. **Inflorescências** ramificadas, com poucos ramos e pequenos grupos de flores. **Flores** pequenas, hermafroditas, amareladas a esbranquiçadas. **Fruto** cápsula com embrião em desenvolvimento ainda preso à planta-mãe, formando propágulo alongado, em forma de vara, capaz de flutuar e enraizar no substrato.

Uso local: Não há afirmativa de uso local.

Potencial de restauração: Espécie com alto potencial para restauração de áreas degradadas de manguezal, apresentando elevada adaptação a ambientes salinos e sujeitos a inundação periódica. Sua estratégia reprodutiva facilita o enraizamento e o estabelecimento das mudas, favorecendo a regeneração natural da área. Contribui para a estabilização do sedimento e a recuperação das funções ecológicas do manguezal.

Curiosidades: Além de fornecer suporte mecânico, as raízes expostas desempenham papel essencial na troca gasosa em sedimentos com pouco oxigênio e contribuem para a estabilização do substrato, favorecendo inclusive a formação de pequenos bancos e ilhas. A espécie atua como pioneira na estruturação de manguezais, protegendo a linha costeira contra erosão, servindo como berçário para peixes e crustáceos e apresentando elevada capacidade de acumulação e armazenamento de carbono nos sedimentos.

Relação com guaiamum: Alimentação (folhas) | Batumar

Dispersão: Hidrocórica

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
■	■	■									■

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
		■		■				■		■	

Jenipapo

Nome popular regional: Janipaba, janipabeiro, jenipá, jenipapeiro, jenipapinho, jenipapo, mandipa
Nome científico: *Genipa americana* L.
Família: Rubiaceae

Origem: Nativa

Hábito de vida: Árvore

Status de Conservação:

LC Pouco Preocupante

Inglês: **L**east **C**oncern







Descrição: **Altura:** 6–25 m. **Caule** reto, cilíndrico, casca lisa, espessa, cinzento-esverdeada. **Folhas** simples, opostas, pecioladas, elíptica a obovada, glabra, brilhante de 8–30 cm de comprimento. **Inflorescências** terminais ou subterminais, intermediária entre racemo e cimeira, com flores inicialmente brancas e depois amareladas; corola tubular de cerca de 1,2 cm, com cinco lóbulos abertos, cálice verde, tubular-cilíndrico. **Fruto** baga globosa, parda, de casca fina e enrugada, medindo 10–15 cm, contendo 50–80 **sementes** achatadas, fibrosas e elipsoides.

Uso local: A madeira é utilizada na confecção de cabo para ferramenta. O Jenipapo é utilizado pelos pescadores tradicionais como isca para a captura de guaiamum.

Potencial de restauração: Apresenta intensa regeneração em capoeirões, áreas de atividade antrópica ou colonizando áreas abertas. Por suportar longos períodos sob condições de alagamento, tem sido utilizado como espécie promissora em modelos de recuperação de áreas degradadas em ambientes de mata ciliar.

Curiosidades: O Jenipapeiro possui diversos usos, desde construção naval e civil, até usos medicinais e artesanais. A tinta extraída do fruto é usada por comunidades indígenas para tatuagem e para pintar seus corpos.

Relação com guaiamum: Alimento (fruto)

Dispersão: Autocórica (barocoria, hidrocoria) e Zoocórica (abelhas, macacos, peixes)

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
										■	

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
	■	■	■	■	■	■	■	■	■		

Cafezinho

Nome popular regional: Chacrona, Carne-de-vaca, Cafeeiro-do-mato, Erva-de-rato-branca
Nome científico: *Psychotria carthagenensis* Jacq.
Família: Rubiaceae

Origem: Nativa

Hábito de vida: Arbusto ou árvore

Status de Conservação:

LC Pouco Preocupante

Inglês: **L**east **C**oncern





Tamanho: de 6 e 10 cm

Descrição: Altura: 1 a 3 m, podendo atingir até 12 m em condições favoráveis. **Caule** geralmente ereto e lenhoso, com nós visíveis nos ramos jovens e estípulas interpeciolares. **Folhas** simples, opostas, brilhantes, elípticas a oblanceoladas, com margem inteira e nervação evidente, podendo apresentar domácias na face abaxial. **Inflorescências** axilares ou terminais, em cacho ou panícula, com numerosas flores. **Flores** pequenas, tubulares, de cor branca a creme. **Fruto** drupa pequena, globosa, arroxeada a quase preta quando madura. **Semente** geralmente única, com casca resistente.

Uso local: Os pescadores tradicionais utilizam a madeira para a confecção de cabo para "ratoeira" (armadilha para capturar guaiamum).

Potencial de restauração: Espécie indicada para restauração ecológica, especialmente em sub-bosque florestal, recomposição de matas ciliares e implantação de corredores florestais. Apresenta boa adaptação a ambientes sombreados e úmidos, contribuindo para a diversificação florística e para a recuperação da estrutura da vegetação em áreas em regeneração.

Curiosidades: Possui atividade sobre o sistema nervoso central, é usada no preparo da ayahuasca, uma bebida alucinógena de origem indígena da Amazônia. A espécie apresenta dois tipos de flores que se diferenciam pela posição do estigma e das anteras (distilia) favorecendo a polinização cruzada. A sua floração é breve, durando cerca de 12 horas.

Relação com guaiamum: Batumar

Dispersão: Zoocórica (aves e pequenos mamiferos)

Floração:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	*
■				■	■	■	■	■	■	■	■	

Frutificação:

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	**
				■	■	■	■					

* Dados para o estado do Mato Grosso

** Dados para o estado do Paraná

Fontes de Consulta e Referências Bibliográficas

As informações apresentadas neste guia foram obtidas a partir da consulta a diferentes fontes, incluindo bases botânicas nacionais e internacionais, literatura técnico-científica e plataformas institucionais de pesquisa.

Durante a elaboração das descrições das espécies, algumas bases de dados foram utilizadas de forma contínua, principalmente para validação taxonômica, atualização da nomenclatura, verificação da distribuição geográfica e do status de conservação das espécies.

Entre as principais fontes internacionais consultadas estão T*ropical Plants Database, Flora of North America, Royal Botanic Gardens – Plants of the World Online, Useful Tropical Plants, World Flora Online e Smithsonian Institution*. No âmbito nacional, destacam-se Flora e Funga do Brasil, CNCFlora, o Banco de Espécies Arbóreas Brasileiras, o Instituto de Botânica de São Paulo, a Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", unidade de ensino e pesquisa da Universidade de São Paulo (USP-ESALQ), o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, o Ministério do Meio Ambiente e a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Também foi consultada a plataforma técnica Growables, além de publicações e conteúdos produzidos por diferentes unidades da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), bem como literatura técnico-científica de referência, como a obra *Árvores brasileiras: Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas do Brasil*, de Lorenzi.

Fontes de Consulta e Referências Bibliográficas

Principais sites consultados:

Nacionais:

http://floradobrasil.jbrj.gov.br/

https://cncflora.jbrj.gov.br/

https://www.embrapa.br/florestas/publicacoes/especies-arboreas-brasileiras

https://www.gov.br/mma/

https://www.jbrj.gov.br/

https://www.rio.rj.gov.br/

Internacionais:

https://ntbg.org/database/plants/

http://www.efloras.org/

https://powo.science.kew.org/

https://tropical.theferns.info/

https://www.worldfloraonline.org/

https://www.si.edu/

https://www.growables.org/

Quer saber mais?
Para consultar todas as referências bibliográficas utilizadas na elaboração deste Guia, acesse o QR Code abaixo ou digite essa URL no navegador de internet de sua preferência: **bit.ly/Gp4Orf**

GLOSSARIO

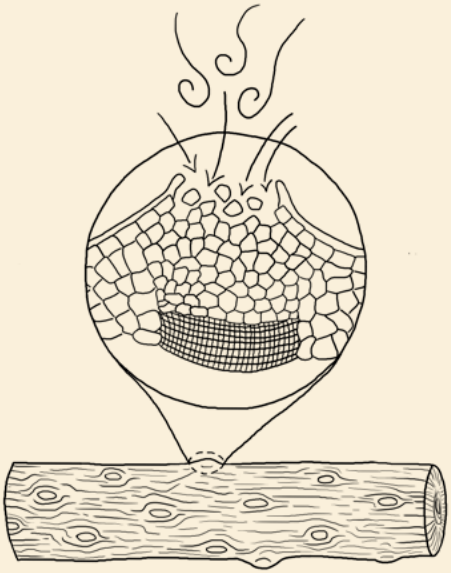
GLOSSARIO ILUSTRADO

ILUSTRADO

SÁRIO RADO

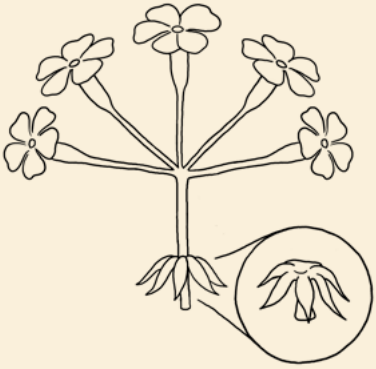
GLOSSÁRIO

Caule

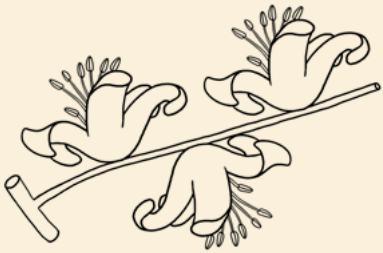


Lenticelas

Flor



Bráctea/Bractéola



Séssil



Estame

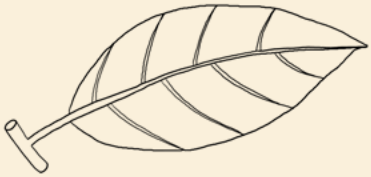
Corola

Pedúnculo

Cálice

Glossário

Folha



Simples



Composta

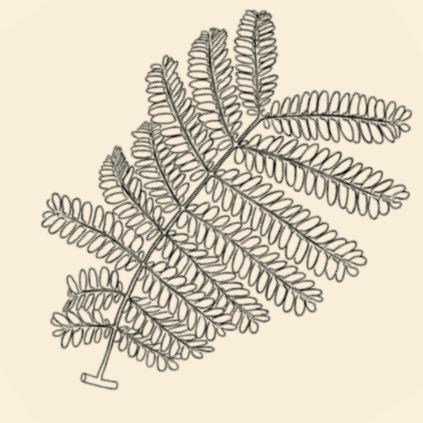


Folíolos



Pinada

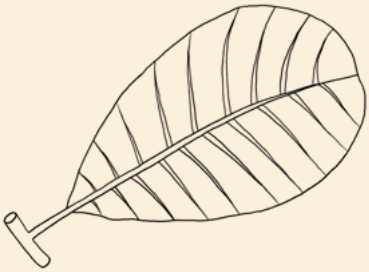
Folha



Bipinada



Oposta



Obovada

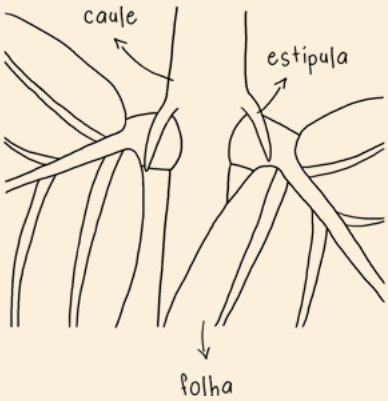


Glabra

Folha



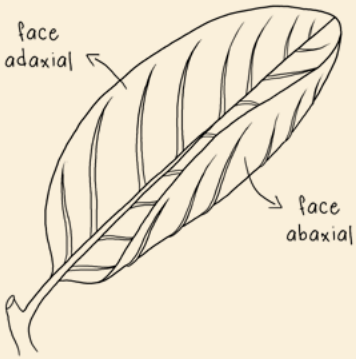
Palmada



Estípula



Bainha



Face adaxial e abaxial

Folha



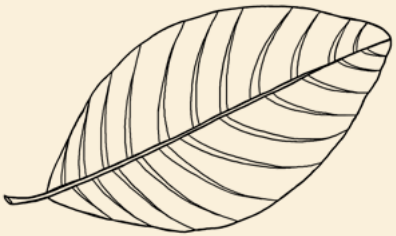
Coriácea



Imparipenada



Alterna



Elíptica

Folha



Cartácea



Pilosa

Fruto



Baga



Cápsula



Deiscente



Deiscente

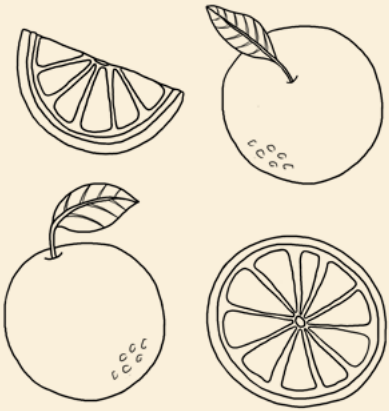
Fruto



Drupa



Indeiscente



Globoso

Fruto



Sâmara alada



Vagem

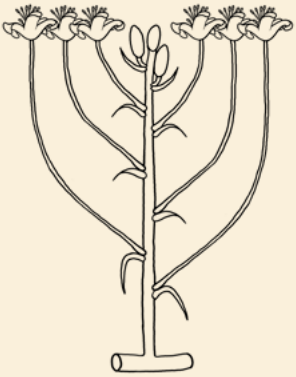
Inflorescência



Axilar



Cimosa ou Cimeira



Corimbo



Em Panícula

Inflorescência



Em Racemo



Espiga

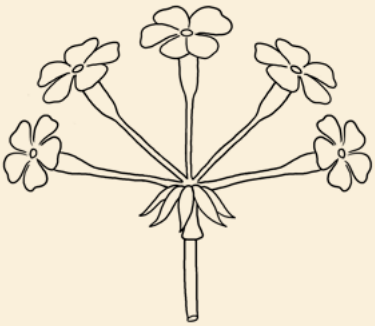


Glomerular



Interfoliar

Inflorescência



Umbelas



Terminal

Raiz



Nodular

Semente



Alada



Elípsoide



Obovada



Oblongo

Semente



Ovada



Subglobosa

EXPRESSE AQUI SUAS OBSERVAÇÕES!

EXPRESSE AQUI SUAS OBSERVAÇÕES!

EXPRESSE AQUI SUAS OBSERVAÇÕES!





APOIO

apoio a UCs
Conservação & Uso Sustentável

MPF Ministério Público Federal

IBAMA MMA

anp Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis

PRIO

FUNDO BRASILEIRO PARA A BIODIVERSIDADE FUNBIO

A realização do Projeto Apoio a UCs é uma medida compensatória estabelecida pelo Termo de Ajustamento de Conduta de responsabilidade da empresa PRIO, conduzido pelo Ministério Público Federal – MPF/RJ.